



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS- UFAL
CAMPUS DO SERTÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

LUCLÉCIA DA SILVA DOS SANTOS

**A DEMONSTRAÇÃO DA AFETIVIDADE NO ESPAÇO ESCOLAR A PARTIR DE
DESENHOS DE ESTUDANTES DO ENSINO FUNDAMENTAL**

**DELMIRO GOUVEIA-AL
2019**

LUCLÉCIA DA SILVA DOS SANTOS

**A DEMONSTRAÇÃO DA AFETIVIDADE NO ESPAÇO ESCOLAR A PARTIR DE
DESENHOS DE ESTUDANTES DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito final para obtenção do título de
Licenciada em Pedagogia pela Universidade
Federal de Alagoas/Campus do Sertão

Orientador (a): Ma. Noélia Rodrigues dos
Santos

DELMIRO GOUVEIA

2019

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca do Campus Sertão
Sede Delmiro Gouveia

Bibliotecária responsável: Renata Oliveira de Souza - CRB-4/2209

S237d Santos, Luclécia da Silva dos

A demonstração da afetividade no espaço escolar a partir de desenhos de estudantes do ensino fundamental / Luclécia da Silva dos Santos. – 2019.

51 f.: il.

Orientação: Profa. Ma. Noélia Rodrigues dos Santos.
Monografia (Pedagogia) – Universidade Federal de Alagoas.
Curso de Pedagogia. Delmiro Gouveia, 2019.

1. Educação infantil. 2. Ensino fundamental. 3. Relações interpessoais. 4. Afetividade. 5. Desenho. I. Santos, Noélia Rodrigues dos. II. Universidade Federal de Alagoas. III. Título.

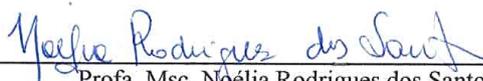
CDU: 373.3:159.922.7

LUCLÉCIA DA SILVA DOS SANTOS

**A DEMONSTRAÇÃO DA AFETIVIDADE NO ESPAÇO ESCOLAR A PARTIR DE
DESENHOS DE ESTUDANTES DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Aprovada em 17/12/2019

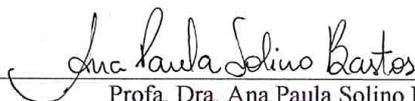
BANCA EXAMINADORA



Profª. Msc. Noélia Rodrigues dos Santos
Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão (Orientadora)



Prof. Dr. José Roberto da Silva
Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão



Profª. Dra. Ana Paula Solino Bastos
Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão

Dedico este trabalho em especial a minha mãe, Maria.
Obrigada por me mostrar o caminho certo em todas as
vezes em que eu me perdi, saiba que esta conquista é
nossa, e a Deus por me sustentar e me guiar nessa longa
jornada acadêmica.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha orientadora Nóelia, por ter me ajudado em meio a tantas dificuldades, não negou esforços para que eu pudesse concluir este trabalho, a ti minha eterna gratidão.

A minha família, que sempre me ajudou tanto em aspectos emocionais quanto físico, mostrando-me o quanto eu sou capaz. Mãe, pai, Clécia e Lucas, obrigada por tudo, vocês são minha fonte de inspiração, toda conquista será por vocês e para vocês.

As minhas companheiras de vida acadêmica, saibam que vocês contribuíram de forma significativa para minha formação. Alice, Jessica, Lays, Laíse, Maria, Mayany e Milena, obrigada lindas.

As amigas que a vida me deu não poderia deixar de citar vocês: Erivalda, Dani, Fernanda, Priscila, Thaís, Faby, Joélica e Ana Clara, agradeço por ter vocês comigo e poder vivenciar minhas conquistas, obrigada.

Aos meus amigos Jonas, Gabriel, Felipe, Matheus e Victor que sempre me deram força pra que eu continuasse e persistisse em continuar, agradeço a vocês.

E não poderia deixar de agradecer novamente a Deus, se não fosse ele para me sustentar em todas as minhas quedas, não teria concluído este trabalho.

Agradeço também aqueles que de forma direta ou indireta ajudaram-me a me tornar esta mulher que sou hoje.

“A criança responde às impressões que as coisas lhe causam
com gestos dirigidos a elas.”

Henri Wallon

RESUMO

A presente pesquisa discute a demonstração da afetividade no espaço escolar a partir dos desenhos de estudantes do ensino fundamental. A afetividade faz com que a criança consiga ter uma boa relação com quem a cerca, facilitando na sua aprendizagem. Sendo assim, surge a problemática: qual a importância de trabalhar a afetividade no campo escolar visando o aspecto intelectual dos alunos? O estudo teve como objetivo analisar os desenhos das crianças, com ênfase na manifestação da afetividade entre colegas de turma. Para atender a esse propósito realizamos uma pesquisa de enfoque qualitativo, caracterizada como estudo de caso em uma escola de educação básica do município de Água Branca-AL. Participaram da pesquisa alunos de uma turma do 5º ano do Ensino Fundamental. Contou-se com o suporte teórico de Piaget (1994) Vygotsky (2003), Wallon (1995), Galvão (1995), Chateau (1908), Pillar (1996), Iavelberg (2008), Perondi (2001) e entre outros que foram essenciais para o entendimento do que é afetividade e sobre os aspectos relacionado ao desenho. Diante do estudo, ficou evidente que as crianças conseguem demonstrar suas emoções por meio do desenho, e como a afetividade está presente nos mesmos, podendo contribuir de forma positiva para o seu meio, uma vez que, quando se tem afeto pelo outro a criança tende a ser mais compreensível. O aluno na sala de aula começa a ser prestativo e participativo durante as aulas, facilitando seu desenvolvimento intelectual e pessoal, devido a isto, é importante a presença da afetividade no contexto escolar.

Palavras-chave: Afetividade. Desenho. Crianças. Sala de aula. Professor

ABSTRACT

This research discusses the demonstration of affection in the school space from the drawings of elementary school students. The affectivity makes the child can have a good relationship with people around him, facilitating his learning. Thus, the problem arises: what is the importance of working affectivity in the school field aiming at the intellectual aspect of the students? The study aimed to analyze children's drawings, with emphasis on the manifestation of affection among classmates. To fulfill this purpose we conducted a qualitative research, characterized as a case study in a school of basic education in the city of Água Branca-AL. Participants were students from a 5th grade elementary school class. It was supported by Piaget (1994) Vygotsky (2003), Wallon (1995), Galvao (1995), Chateau (1908), Pillar (1996), Iavelberg (2008), Perondi (2001) and among others that were essential to the understanding of affectivity and aspects related to drawing. From the study, it was evident that children can demonstrate their emotions through drawing, and how affectivity is present in them, and can contribute positively to their environment, since when one has affection for the other the child tends to be more understandable. The student in the classroom begins to be helpful and participative during the classes, facilitating their intellectual and personal development, because of this, the presence of affectivity in the school context is important.

Key words: Affection. Drawings. Children. Classroom. Teacher.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. A AFETIVIDADE E AS RELAÇÕES INTERPESSOAIS.....	12
2.1 A afetividade nas perspectivas de Piaget, Vygotsky e Wallon.....	13
2.2 O desenvolvimento infantil e a importância da afetividade.....	16
2.3 A aprendizagem e a afetividade.....	19
2.4 A afetividade e a relação professor-aluno.....	20
3. O DESENHO: DOS ASPECTOS HISTÓRICOS AS CONTRIBUIÇÕES PARA EDUCAÇÃO.....	25
3.1 O desenho como recurso pedagógico.....	26
3.2 Desenho e afetividade.....	29
4. A MANIFESTAÇÃO DA AFETIVIDADE EXPRESSA EM DESENHOS NO AMBIENTE ESCOLAR.....	32
4.1 Metodologia da pesquisa.....	32
4.2 O campo da pesquisa: Conhecendo a escola.....	34
4.3 Conhecendo a turma.....	35
4.4 Análises dos dados.....	37
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
6. REFERÊNCIAS.....	48
7. APÊNDICE.....	52

1 INTRODUÇÃO

O sujeito ao nascer costuma ser acompanhado de carinho e atenção por parte dos pais e familiares, essa aliança faz com que a criança consiga desenvolver afetividade com o próximo. Na escola, não é diferente, a sala de aula propicia momentos que são compartilhados entre professores e alunos, com isso surge a construção de novas amizades que é cercada de carinho, iniciando a manifestação dos laços afetivos entre os colegas. Estes sujeitos possuem identidades nas quais são atribuídos seus valores e crenças, é o que distingue um sujeito de outro, cada um com seu aspecto social, econômico, psicológico e cultural. A sala de aula reúne pessoas com diferentes pensamentos e ideologias, os sentimentos podem ser apresentados de forma divergentes, seguindo as particularidades e singularidades dos indivíduos.

Ao pesquisar sobre afetividade, que conseqüentemente foi interligada aos desenhos para que pudesse ter uma análise mais detalhada de como as crianças iriam demonstrar seus sentimentos no papel, surgiram então, inquietações na qual nos possibilitou perceber se aconteceria ou não a presença da afetividade no espaço escolar.

A pesquisa foi realizada em uma escola de educação básica no município de Água Branca-AL. Escolhida por ocasião do estágio supervisionado 3, disciplina do curso de Pedagogia. Durante o estágio, esta pesquisadora, na condição de estagiária, fez observações na sala de aula, que logo foi destacado o comportamento das crianças, como o abraço, os beijos, as cartas, elogios como também atos agressivos que motivou a realização desta pesquisa junto aos alunos do 5º ano do ensino fundamental.

Para isso, pensemos como a afetividade ajudará na aprendizagem das crianças sob um viés em que a prática pedagógica atenda às necessidades das crianças, surge então a problemática, qual a importância de trabalhar a afetividade no campo escolar visando o aspecto intelectual dos alunos?

Dessa forma, este estudo teve como objetivo analisar os desenhos das crianças, com ênfase na manifestação da afetividade entre colegas de turma. A ideia é perceber a manifestação da afetividade por meio dos desenhos das crianças, fazendo a relação do comportamento entre os colegas, para que então pudesse avaliar os resultados da expressão afetiva na sala de aula.

A pesquisa realizada é de enfoque qualitativo, caracterizada como estudo de caso. O estudo foi realizado em maio de 2019, numa escola pública do município de Água Branca-Alagoas, junto a estudantes de uma turma do 5º ano do Ensino Fundamental. Os materiais utilizados para a coleta de dados foram: uma folha A4 e lápis de cor. Cada criança foi solicitada a fazer três desenhos, mas apenas dois foram analisados, no dia faziam-se presentes na sala de

aula 23 crianças. Enquanto as crianças desenhavam a pesquisadora foi relatando no diário de campo o comportamento dos alunos.

Dentro do estudo presente, fez-se o uso de leituras para embasamento teórico, os autores Piaget (1994), Vygotsky (2003), Wallon (1995), Galvão (1995), Chateau (1908), Pillar (1996), Iavelberg (2008), Perondi (2001) e demais outros autores que falam na perspectiva afetiva e sobre o desenho, sendo essencial para a construção desta pesquisa.

Este trabalho foi dividido em 3 capítulos. O primeiro trata da afetividade e das relações interpessoais, abordando o desenvolvimento dos primeiros sinais da afetividade da criança, considerando o fato da inteligência está ligada a afetividade, bem como a formação da sua personalidade sob o contexto das suas primeiras emoções.

O segundo capítulo fala sobre o desenho, considerando os aspectos históricos até as contribuições para educação. Refere-se ao desenho como o principal elemento para que as crianças consigam expressar-se suas felicidades ou angústia, entendendo que o desenho também faz parte da primeira escrita da criança.

O terceiro capítulo traz abordagem sobre a manifestação da afetividade que será expressa nos desenhos das crianças do ensino fundamental, fazendo análises dos mesmos. Diante disto, será exposto a presença da afetividade nos desenhos, percebendo a relação do seu gostar uns com os outros.

Com isso, a manifestação da afetividade no ambiente escolar é importante, por possibilitar no educando emoções que condicionam a sua aprendizagem, promovendo o respeito, carinho e afeto pelo professor e com os colegas da sala de aula. A afetividade não está como a solucionadora dos problemas escolares, mas, quando há estímulos e sentimentos, faz com que o sujeito seja mais participativo, e comece ir à escola com frequência.

2 A AFETIVIDADE E AS RELAÇÕES INTERPESSOAIS

A afetividade acompanha o sujeito desde o seu nascer e os seus laços afetivos são construídos no decorrer da vida, tendo fim na sua morte. Com isso o desenvolvimento afetivo da criança passa por diferentes fases, com a finalidade de aperfeiçoar a aprendizagem intelectual do sujeito.

Assim, Comenius (2002) refere-se ao cérebro na idade infantil como úmido e tenro, pronto para receber todas as imagens que lhe chegam, apreendendo rapidamente o que lhe é ensinado. Entendemos que a afetividade e a inteligência evoluem no decorrer do desenvolvimento humano, elas não surgem prontas, são construídas e podem acarretar modificações no seu estágio de desenvolvimento. À medida que ocorre seu desenvolvimento, as necessidades afetivas facilitam a aprendizagem da criança, sendo importante para a construção do conhecimento.

As crianças conseguem demonstrar o afeto por meio do contato com o outro. Pizzi (2012, p. 193) diz que:

A afetividade tem um papel preponderante no processo de desenvolvimento no curso da vida humana, cada um tendo o seu campo de ação, mas mantendo uma relação com os demais, sendo que a afetividade é a primeira etapa que a criança percorre.

Dessa forma, a criança por meio da afetividade vivencia os seus desejos e vontades. As crianças são capazes de sentir afeto pelo outro, essa explicação parte do entendimento funcional infantil, que conseqüentemente está ligado ao seu desenvolvimento. A afetividade envolve os fatores orgânicos e sociais, e isso faz com que sintam-se confiantes em transparecer a confiança ao outro, e criem interesses plurais durante a vida, fazendo com que haja uma boa relação social com quem a cerca.

Ao pertencer o campo funcional as expressões afetivas são confundidas devido as diferenciações. Uma é a manifestação primitiva afetiva que é associada a natureza por ser diferenciada e generalizada, as emoções nesse sentido traz reações como alegria, tristeza e medo. Ao atribuir sentimentos como paixão sua manifestação será reguladora ou estimuladora da atividade psíquica, são estados duradouros mais que se diferenciam entre si (ALMEIDA, 2008).

Com isso, o meio físico e humano é importante na integração do indivíduo. Almeida (1999, p.78) explica que “sem ele não haveria a evolução, pois o orgânico não é capaz de construir a obra completa que é a natureza humana, que pensa, sente e se movimenta no mundo

material.” Deve-se entender o sujeito como um todo e perceber como se manifesta a relação com o outro, para que juntos consigam ter um bom convívio social.

A afetividade está ligada ao sujeito e suas características da personalidade interferem diretamente nas emoções individuais de cada ser. Nesse sentido, Wallon (1959, p. 288) explica que “a constituição biológica da criança ao nascer não será a lei única do seu futuro destino. Os seus efeitos podem ser amplamente transformados pelas circunstâncias sociais da sua existência, onde a escolha individual não está ausente”.

Assim, essa ação está diretamente relacionado a convivência social em que devidas atitudes podem ser modificadas de acordo com o estado emocional de cada sujeito, resultando em suas atitudes com o outro, os lugares que frequentamos e as pessoas que nos relacionamos terá um papel condizente para descrição da nossa personalidade enquanto indivíduo social.

2.1 A afetividade nas perspectivas de Piaget, Vygotsky e Wallon

Pontuaremos três teóricos nas perspectivas psicogenéticas para compreender como se desenvolve a afetividade na criança sob relação social. Aqui não aprofundaremos suas teorias, apenas destacaremos pontos importantes para a compreensão do que vem a ser os aspectos afetivo e cognitivo na visão de Jean William Fritz Piaget (1896-1980), Lev Semenovitch Vygotsky (1896-1934) e Henri Wallon (1879-1962).

Iniciamos com a abordagem teórica de Jean Piaget. O referido teórico visava uma dicotomia entre afetividade e inteligência e defendia a tese da correspondência entre as construções afetivas e cognitivas. Para Piaget o desenvolvimento da criança está ligado ao fator biológico na gênese da inteligência e conseqüentemente percebeu a relação da inteligência na afetividade, sendo elas indispensáveis. Embora não tenha dedicado seus estudos a afetividade, não desconsiderou a influência que ela tem no processo de desenvolvimento psicológico. Em suas palavras Piaget (1994, p.129) diz que:

É indiscutível que o afeto tem um papel essencial no funcionamento da inteligência. Sem o afeto não haveria nem interesses, nem necessidades, nem motivação; em conseqüência, as interrogações ou problemas não poderiam ser formulados e não haveria inteligência. O afeto é uma condição necessária para a constituição da inteligência. No entanto, em minha opinião, não é uma condição suficiente.

O entendimento de Piaget vai além de opiniões ou ideias para suprir o entendimento sobre a afetividade, são conceitos que envolvem complementos sobre a inteligência e afetividade, que está para além de uma visão dicotômica do ser humano. Sem afeto não existira

vontades nem desejos, ambas estão associadas na produção de conhecimento do sujeito, que busca entender e compreender determinados assuntos.

A base de conhecimento pelo teórico Piaget, é referente ao desenvolvimento da criança que passa por estágios, que vão da infância até a adolescente e explicarão as operações que levará o indivíduo para atingir o pensamento lógico. Assim, a criança, após o nascimento, inicia um processo de adaptação por meio da assimilação e acomodação, que são os processos básicos para a constituição das estruturas de pensamento (VASCONCELOS, 2010).

Piaget buscava entender como o desenvolvimento cognitivo da criança era construído. Por meio de suas observações entendeu que o cérebro adaptava-se ao ambiente, passando por estágios do desenvolvimento. Durante o desenvolvimento percebeu a ligação da afetividade, pois a criança demonstra para o adulto suas atitudes que correspondem ao que está sentindo, como o choro, o toque e o sorriso que são movimentos direcionados ao afeto com o outro.

Em seguida temos as ideias de Vygotsky, que não teve seus estudos diretamente focados na afetividade e a cognição, mas na relação social que permeia o seu meio, estudando como o sujeito se comporta com outras pessoas em seus respectivos contextos.

Vygotsky (2003), ao abordar os temas emoções e sentimentos, termos que ele considera sinônimos, enfatiza que a tarefa essencial da educação é reconhecer e educar as emoções, para que as mesmas não interfiram em nosso comportamento. Sendo assim, entendemos que a uma disciplina sobre como devemos nos comportar em determinadas situações que nos ajudam a lidar com as emoções e quando fazer o uso necessário delas.

Entende-se que é importante a afetividade pois, está associado ao processo intelectual do sujeito, sendo uma junção para entender a razão da inteligência com a afetividade. Mas os estudos de Vygotsky relacionados a afetividade tem temas como “base biológica do afeto”, “o problema do desenvolvimento e interesses”, “estudos das emoções” e dentre outros, ainda não foram traduzidos do russo (REGO, 2011, p. 120). Como dito, Vygotsky não aprofundou especificadamente sobre a relação afetiva do homem mediante suas ações, procurou entender o sujeito no seu contexto social e suas contribuições com o meio para que pudesse compreender suas ações com o outro. Logo, se uma pessoa possui afeto com outro sujeito, é devido ao contexto que frequenta que faz com que seja agradável e se relacione sociavelmente.

Por último, discutiremos sucintamente sobre a teoria do francês Henri Wallon, que buscou entender o sujeito por inteiro, e logo trouxe contribuições no que diz respeito ao entendimento do afeto e cognitivo. Em seus estudos Wallon não enfoca apenas a inteligência, mas enxerga a criança como um todo, por isso outros aspectos são importante para o

entendimento entre as relações interpessoais, como o motor, o afetivo e a cognição. Para tanto, citaremos Mahoney (2008, p. 15) para esclarecimento no qual diz que;

Para o entendimento do que venha a ser essas relações, o motor, o afetivo, o cognitivo, a pessoa, embora cada um desses aspectos tenha identidade estrutural e funcional diferenciada, estão tão integrados que cada um é parte constitutiva dos outros. Sua separação se faz necessária apenas para a descrição do processo. Uma das conseqüências dessa interpretação é de que qualquer atividade humana sempre interfere em todos eles. Qualquer atividade motora tem ressonâncias afetivas e cognitivas; toda disposição afetiva tem ressonâncias motoras e cognitivas; toda operação mental tem ressonâncias afetivas e motoras. E todas essas ressonâncias têm um impacto no quarto conjunto: a pessoa, que, ao mesmo tempo em que garante essa integração, é resultado dela.

Dependemos dos outros quando nascermos, pois não somos autônomos para conseguirmos trocar de roupa, comer, tomar banho ou pegar remédios quando estamos doentes por exemplo. É a relação social com o outro que irá nos ajudar a sobreviver, e com isso é necessário levar em consideração os aspectos culturais e econômicos, que a depender da condição financeira se distingue o tipo de sujeito que nos tornaremos. Precisamos da ajuda do próximo para poder conseguir realizar determinadas funções, isto está associado ao fator biológico, que faz com que tenhamos sentimentos com as pessoas que nos cercam criando laços afetivos.

O desenvolvimento da inteligência se dar por meio da afetividade. Com a incorporação da representação no campo intelectual, as relações afetivas, antes manifestações emocionais, evoluem para um estado mais complexo, como os sentimentos (WALLON, 1995). A afetividade deve ter o mesmo grau de importância quanto o cognitivo, é um campo que engloba todas as emoções que surgem no mesmo período, esse processo é construído com a mesma importância, ou seja, um é dependente do outro.

A cognição e afetividade são fatores importantes tanto para a criança quanto para o adulto, pois vem a contribuir e entender qual sujeito está se formando em sua relação social. Assim, para Wallon “o outro é um parceiro perpétuo do eu na psíquica, mesmo na vida adulta os indivíduos se vêem às voltas com a definição das fronteiras entre eu e o outro” (GALVÃO, 1995, p. 56).

Mediante isso, entendemos que os três grandes teóricos Wallon, Piaget e Vygotsky buscaram contribuir no que se refere ao entender a afetividade e a inteligência como fatores importantes para compreensão da formação do sujeito. Suas indagações são importantes para os aprofundamentos que temos hoje, direcionado as relações afetivas.

Buscando sucintamente compreender os estudos desses teóricos, visto que suas teorias foram de grande importância e que despertou curiosidade em outros estudiosos, na intenção de

compreender o que venha ser afetividade, buscando traçar alternativas que sejam propícias para o ensino e crescimento da criança.

2.2 O desenvolvimento infantil e a importância da afetividade

Os primeiros sinais de emoção da criança é demonstrado desde o dia que elas nascem. Os recém-nascidos expressam para os pais sua felicidade, nota-se quando soltam gritos agudos, começam a agitar-se e enrijecem todo o corpo. É uma forma de transmitir o que eles estão sentindo, seja de forma positiva ou negativa, a depender da situação. Desde o nascimento da criança, ela consegue demonstrar seus sentimentos sem necessariamente precisar falar.

De acordo com Dantas (1992), podemos dizer que a emoção dá origem a atividade intelectual, pois permitem acesso à linguagem e pelas interações sociais possibilita o acesso ao universo simbólico da cultura. Os gestos são sinais do comportamento para suprir a linguagem oral no qual faz-se a manifestação da afetividade neste ambiente, pois a criança transmite suas emoções para as pessoas com quem convivem.

A afetividade¹ faz parte da construção da personalidade do sujeito, entrelaçando dois aspectos, o comportamento e a expressão. Primeiro a criança observa e age em determinado lugar depois ela utiliza da sua expressão facial pra expressar seus sentimentos sobre o que está sentindo no ambiente que se encontra. Para Wallon (2007), os sentimentos não são instantâneos como a emoção, sua atitude é de abstenção, e isso se observa em crianças que em determinados momentos no seu convívio familiar ou escolar se mostram reclusas, com aquele olhar distante que se nega à qualquer tipo de participação ativa nas relações a sua volta e que, qualquer tentativa de incluí-la, causa-lhe ainda mais irritabilidade e mau humor. A afetividade por estar associada as emoções, sentimentos ligado a amor ou ódio, são reações humanas demonstradas pelo sujeito. Na sua vida afetiva o indivíduo transmite sentimentos, entendendo que as emoções são as formas de demonstração do sujeito enquanto corpo.

A criança passa por constante transformação no seu processo de desenvolvimento, seja de condicionamento cognitivo ou afetivo. Nessa perspectiva Vigotski (2009) diz que, essa formação do indivíduo está caracterizada pelo meio social em que ele está inserido, suas

1 Concordamos com Mattos (2012) quando diz que, a afetividade é entendida como qualidade de ser afetivo; aquele que tem afeto por algo ou alguém. Afeto – do latim *affectus*, designa o conjunto de atos ou de atitudes como a bondade, a benevolência, a inclinação, a devoção, a proteção, o apego, a gratidão, a ternura, etc, que no seu todo podem ser caracterizados como a situação em que a pessoa “preocupa-se com” ou “cuida de” outra pessoa em que está respondendo, positivamente, aos cuidados ou à preocupação de que foi objeto (ABBAGNANO, 2000, p. 21).

aprendizagens são diferentemente vivenciadas, levando em conta situações ocorridas em seu processo histórico de formação, está no meio social e as mudanças fazem parte do processo de evolução do ser vivo, suas capacidades de entendimento devem ser respeitadas, compreendendo o processo de individualidade do sujeito, por possuir singularidades e particularidades diferentes em cada etapa do ciclo da vida.

Na teoria de Wallon (1995, 2007), a dimensão afetiva é enfatizada de maneira significativa para a construção da pessoa e do conhecimento. A afetividade e a inteligência são inseparáveis na evolução psíquica. O desenvolvimento psíquico da criança se dá a partir das relações sociais e suas emoções unem o bem-estar com quem convivem com ela. Para Mattos (2008, p. 177) “a afetividade pode traduzir-se por afeição a alguém, de simpatia, de amizade que faz um relacionamento ter cumplicidade. É a sensação psíquica de bem-estar com o outro, com a propensão de ser impressionado pelo outro”, esse entendimento é considerado primordial para o ensino e aprendizagem, pois faz com que o outro sinta o envolvimento de participação referente ao que está sendo ensinado.

Os aspectos cognitivo e afetivo se integram, onde um dependerá do outro para complementar as atividades. A construção do sujeito interfere na sua personalidade onde será construída conforme o tempo. Diante disto, a personalidade está ligada ao tipo de sujeito que se faz presente, podemos perceber suas qualidades, características, valores e intenções são atitudes que vemos no outro através do ambiente que vivemos.

A construção da personalidade, se dar por suas atitudes e valores que serão de acordo com o lugar em que habita, sendo considerado que os fatores biológicos e culturais interferem no seu meio social, que vai distinguir qual sujeito estamos formando para sociedade, mas a sua personalidade é construída com o passar do tempo, justificando sua afetividade pelo outro.

Os estudos de Wallon sempre foram voltados a compreender o desenvolvimento das pessoas, por isso, construiu a psicogenética da personalidade. Para ele, há uma relação intrínseca em relação a afetividade concomitantemente, mesmo quando da preponderância de um deles, em cada etapa evolutiva

O desenvolvimento da aprendizagem escolar ocorrerá com a ajuda do professor na sala de aula, que dará características para a construção da personalidade. Para Tardif e Lessard (2007, p. 267) “quando se ensina não se pode deixar sua personalidade no vestuário, nem o espírito no escritório, nem sua afetividade em casa. Pelo contrário, esses fenômenos são elementos intrínsecos ao processo do trabalho”.

A personalidade do sujeito é construída aos 7 anos de idade. (WALLON, 1959) Aos seus sete anos de idade seu *status* é fundamental nos primeiros meses de vida, determinando a

sobrevivência, esse percurso da vida da criança até a fase adulta é importante, pois, designará a construção da personalidade para entendermos como irá se comportar diante das situações, sendo isto que formará as características do sujeito que vive em sociedade.

2.3 A aprendizagem e afetividade no processo de escolarização

O Ensino Fundamental de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases Nacional (LDBN) 9394/9, diz em seu Art. 32 que o ensino fundamental obrigatório, com duração de 9 (nove) anos, gratuito na escola pública, iniciando-se aos 6 (seis) anos de idade, terá por objetivo a formação básica do cidadão.

A frequência da criança na escola faz com que os gestores e a família tenham preocupações, como o medo, o choro e a tristeza, por exemplo, que são os primeiras emoções que as crianças começam a sentir nos primeiros dias de aula, e com isso procura consolo no professor, onde iniciará a relação afetiva pelo docente. Devido a isso a criança começa a partilhar suas conquistas, desejos e vontades com o professor, podendo construir uma amizade, embora venha a depender do seu contexto social que está interiorizado e faz parte da sua cultura, pois está convivendo com várias crianças de diferentes personalidades e crença um único ambiente, a sala de aula.

A relação entre a cultura da escola e a cultura local é fundamental para fazer da escola um espaço de articulação de mentes e não só de corpos (dos alunos), das emoções e desejos das crianças. Essa valorização é que permite uma nova via de inclusão e cidadania (SPOZATI, 2000, p. 29).

A escola ao matricular as crianças, elas passam a ter bons relacionamentos com os colegas, formando grupos para ajudar no seu desenvolvimento, e automaticamente a criança entende que a separação dos pais é um processo natural e que é preciso passar por essa situação. É a partir do contato com o outro que sentirá afeição e confiança, fazendo com que consiga desenvolver habilidades sociais no contexto escolar.

O ambiente escolar, em especial a sala de aula, deve ser um lugar atrativo para que a criança sinta a necessidade e o desejo em estudar e procurar compreender os assuntos. Para isso o professor é o mediador, aquele que buscará atividades mais atraentes para que os alunos consigam chegar ao objetivo almejado. No contexto da sala de aula, a afetividade se manifesta para que as crianças compreendam os limites dos seus colegas e saber a hora de parar, como por exemplo, o desejo de querer algo ou não e saber impor o respeito e os limites, assim desencadeia laços afetivos da criança com o outro no processo de construção da aprendizagem.

O termo afetividade encontra-se como sinônimo de afeto, afeição e sentimento, nos dicionários há conceitos divergentes para compreensão do que é afetividade, mas o significado está ligado ao termo emoção, como já citado anteriormente está relacionado ao fator biológico do desenvolvimento humano.

Para Wallon (1995), o processo de ensino-aprendizagem facilitador do ponto de vista afetivo é aquele que permite a expressão e discussão das diferenças e que elas sejam levadas em consideração, desde que respeitados os limites que garantam relações solidárias.

A aprendizagem sempre inclui relações entre as pessoas. A relação do indivíduo com o mundo está sempre medida pelo outro. Não há como aprender e aprender o mundo se não tivermos o outro, aquele que nos fornece os significados que permitem pensar no mundo a nossa vida. Veja bem, Vygotsky defende a idéia de que não há um desenvolvimento pronto e previsto dentro de nós que vai se atualizando conforme o tempo passa ou recebemos influência externa (BOCK, 1999, p. 124).

A afetividade no campo escolar não será a única solução para os problemas vivenciados pelos docentes na sala de aula. O que modificará o desempenho da criança é a prática pedagógica do professor, em como esta pode auxiliar na progressão desses alunos para que venha a ter bons resultados.

A aprendizagem e a afetividade andam juntos em razão do processo de construção do conhecimento do sujeito, não há afetividade sem inteligência e não há inteligência sem afetividade, logo as duas são produtoras da aprendizagem, que parte do entendimento do ser para compreensão do outro, é onde se manifesta os primeiros caminhos para o conhecimento e fortalece o contato do professor e aluno na sala de aula.

2.4 A afetividade e a relação professor-aluno

Na sala de aula é onde acontecem as trocas de saberes entre o professor e a criança, sendo também um espaço de desafios para os educadores, pois nota-se as dificuldades encontradas no seu dia a dia, em que por vezes não há a compreensão necessária dos estudantes no que tange o respeito ao professor. É um lugar em que seu espaço deve ser para o desenvolvimento do ensino aprendizagem direcionado aos conteúdos dados em sala de aula, muito embora não apresente laços afetivos com o professor e isso faz com que o aluno dificulte o trabalho docente.

Relacionar afetividade e aprendizagem não é fácil, mas ela está associada na motivação das crianças, o professor auxilia na busca de novos conhecimentos para que possa expandir o estímulo a curiosidade dos seus alunos. Freire (2005, p. 29) nos fala que “não há educação sem

amor” e “quem não ama não compreende o próximo”, mostrando a presença da afetividade no convívio escolar. Devido a isso, a afetividade deve ser manifestada a todo momento em sala de aula, seja no olhar, no toque, no abraço, na fala e/ou outras maneiras que se expande a afetividade.

A afetividade possibilita que o sujeito consiga manifestar laços afetivos de quem quer por perto, isso ajuda no desenvolvimento da criança enquanto formadores de opiniões, o que facilitara na compreensão dos assuntos escolares.

Na sala de aula a relação afetiva tende a diminuir em razão dos professores exercerem apenas seu papel profissional. É preciso não atribuir aos professores o papel de pai ou mãe dos seus alunos, com função de educar e dar carinho na intenção de querer solucionar uma questão que deveria vir de casa. Para Soares (2010) “a escola é o lugar para o professor repensar as suas crenças e experiências”, posicionando-se como sujeito, fazendo-se e refazendo-se num movimento permanente e, conseqüentemente, se transformando como pessoa e como profissional.

Freire (2007, p. 141) Acrescenta que

Não é certo, sobretudo do ponto de vista democrático, que serei tão melhor professor quanto mais severo, mais frio, mais distante e “cinzento” me ponha nas minhas relações com os alunos [...]. A afetividade não se acha excluída da cognoscibilidade. O que não posso obviamente permitir é que minha afetividade interfira no cumprimento ético de meu dever de professor no exercício de minha autoridade. Não posso condicionar a avaliação do trabalho escolar de um aluno ao maior ou menor bem querer que tenha por ele.

Na escola o comportamento docente influencia na aprendizagem dos alunos. O objetivo pedagógico das instituições é fazer com que o sujeito aprenda, seja crítico reflexivo e atuante na sociedade e que busque sempre compreender os assuntos. Um professor que seja autoritário na sala de aula, que dita todos os tipos de regras, pode ter como consequência a mudança do comportamento do aluno, pois a criança pode se tornar medrosa ou mal comportada na sala de aula devido a posição do professor. Por outro lado, se o professor expressa seus sentimentos, fala “olho no olho”, se mostra atencioso, desmistifica a arrogância do docente em ser o detentor dos saberes, e vai se transformando num amigo, podendo ajudar seus alunos com mais dedicação e aprimorando as suas aulas com mais satisfação para as crianças. Mahoney (2004, p.198) explica que

À medida que se desenvolvem cognitivamente, as necessidades afetivas da criança tornam-se mais exigentes. Por conseguinte, passar afeto inclui não apenas beijar, abraçar, mas também conhecer, ouvir, conversar, admirar a criança. Conforme a idade

da criança, faz-se mister ultrapassar os limites do afeto epidérmico, exercendo uma ação mais cognitiva no nível, por exemplo da linguagem.

A afetividade não está presente somente no toque físico da criança, está também na atenção. É por meio da relação professor e aluno que é compreendido a falta da afetividade no campo de ensino. “Pensaremos o aprendizado afetivo como uma arte do encontro: um aprender sobre o que diminui nossas forças ou nos potencializa” (MERÇON, 2009, p. 28), é notório que temos cada vez menos sentimentos na sala de aula, mas o professor com motivação inspira seus alunos e os ajuda a motivarem-se e conseguir realizar suas atividades, percebendo que seu campo de trabalho está correlacionado com as crianças e a sua mediação influenciará na aprendizagem das mesmas.

Alguns professores, não entendem a afetividade como um acréscimo para as crianças, “é nessa complexa trama que se dá o processo de apropriação-objetivação pelo sujeito e que se constituem as funções cognitivas e as funções afetivas” (GOMES, 2008, p. 115), a afetividade não é o principal fator para o desenvolvimento da criança, mas é essencial, visto que quando existe a relação de sentimentos dentro da sala de aula as crianças apresentam melhor rendimento.

Afetividade ajuda no auxílio do desenvolvimento da criança facilitando na compreensão dos assuntos, como já falamos. Por isso é importante que o professor em sala de aula utilize estratégias para chamar atenção das crianças e que o afeto esteja presente nas aulas. Para Antunes (2007, p.54)

O professor precisa conquistar o aluno, utilizar a transmissão de conhecimento de forma positiva, a fim de envolvê-lo, motivá-lo com palavras de incentivo e expressões positivas, pois o grau de envolvimento afetivo e emocional do professor interfere positiva ou negativamente no processo de aprendizagem do aluno.

O professor dever estimular o aluno para que não venha a ser a causa da desmotivação da criança. Morales (2009) afirma que qualquer atitude do professor influencia o aluno, para o bem ou para o mal. Pensando sobre a afetividade no campo de ensino, reflete sobre o que a criança poderá aprender por meio dos sentimentos, ajudando a desfrutar os estímulos, favorecendo a curiosidade e as indagações, para que atinja os objetivos da escola, sendo, segundo a LDBEN 9394/96, um sujeito ativo, crítico e reflexivo na sociedade.

A escolarização prevê a interação da criança com outras pessoas, sendo vista como um dos principais teor de relação educativa na formação de sujeitos para integração na sociedade. É importante contextualizar que não estamos tratando da afetividade como o principal fio condutor que solucionará todos os problemas da escola, mas ajudará a entender quais as

interações que acontecem naquele espaço entre professor e aluno em que possam traçar metas para ajudar no desenvolvimento e a aprendizagem da criança.

É necessário que a criança possa expressar suas emoções, pois embora se conceba “o homem como um ser que pensa, raciocina, deduz e abstrai, mas também como alguém que sente, se emociona, deseja, imagina e se sensibiliza” (REGO, 2008, p. 120). Somos humanos e estamos determinados a expressar nossos sentimentos diante de situações que nos são impostas.

Na escola, o professor poderia demonstrar suas afeições para seus alunos na intenção de melhorar o convívio da sala de aula. No ambiente escolar, “o professor vence ou é derrotado na profissão não apenas pelo seu saber maior ou menor, mas principalmente pela sua capacidade de lidar com os alunos e ser aceito por eles” (PATTO, 1997, p.304). O professor deve mostrar que todos são dignos de respeito e merecem ser tratados com educação.

É necessário também que o professor que saiba lidar com suas emoções, por isso deve-se “capacitar os professores a educar suas próprias emoções, assim como a de seus alunos, poderá ser mais útil que muito conteúdo técnico sem aplicação prática na vida cotidiana de seus alunos” (MONTE-SERRAT, 2007, p. 59).

O relacionamento do professor com o aluno torna-se melhor mediante os laços afetivos. Pode tornar o ambiente mais propício para a aprendizagem, deixando a relação professor-aluno mais favorável no espaço de convívio diário, ou seja, a sala de aula deve ser agradável para todos que ali se fazem presentes.

3 O DESENHO: DOS ASPECTOS HISTÓRICOS ÀS CONTRIBUIÇÕES PARA EDUCAÇÃO

A abordagem sobre o desenho como recurso pedagógico será feita de forma breve, para que possamos compreender como se deu os primeiros registros do desenho e os seus primeiros traços, que foram identificados em cavernas desenvolvidos pelos homens primitivos, que desenhavam tudo o que viam ao seu redor, os animais, as pessoas, as plantas, os objetos que encontravam naquele meio, pois não sabiam ler e escrever, então o desenho fazia parte da sua comunicação visual, depois vieram a criar os símbolos, que foram sendo aperfeiçoados de acordo com a evolução do desenvolvimento humano.

Para Serra (2008, p. 05) “o desenho passou a representar uma das primeiras formas de comunicação e de expressão do homem, visto pelas construções de monumentos na antiguidade, cujos projetos se baseavam em traçados cuidadosamente planejados”.

Diante disto, os homens primitivos usavam estratégias para se comunicar, cada traço para eles era uma representação simbólica, um registro do que viram, sendo característica importante para a construção do que temos hoje, tendo como exemplo o alfabeto e os números.

Segundo Peixoto (2013), a palavra desenho tem uma origem semântica bem interessante. No latim, desenho vem da palavra *designio*, que significa projeto, plano ou propósito, e confunde-se com o desejo. Designar é desejar criar, projetar, planejar. Desenhar, originalmente, está ligado a essa primeira ideia, ao primeiro vislumbre de uma realização, ou seja, o desenho está presente em qualquer ação humana. Não é destinado apenas para aqueles que se consideram artistas, mas para todos que tenham o desejo de realizar o ato.

Quando a criança começa a fazer seus primeiros registros ao desenhar, não pensa na perfeição que deve ter o seu trabalho, esse pensamento vem a partir dos anos seguintes, pois nota que a arte do colega recebeu mais elogios, e isso faz com que as crianças comecem a presar pelo melhor desenho.

O desenho quando é expressado e interpretado pela criança, existem inúmeras explicações, desde os primeiros traços até as cores que o utilizam para aperfeiçoar a sua arte. Por trás desta habilidade existe um porquê, não sendo visualizado pela criança apenas como um desenho. Para Moreira (2008, p.16).

A criança desenhando está afirmando a sua capacidade de designar. Desenha brinquedos, brinca com os desenhos. É seu o desenho da sua pipa, o risco da amarelinha, o castelo de areia, as estradas por onde andam seus carrinhos, a planta de sua casinha. É desenho a maneira como organiza as pedras e as folhas ao redor do castelo de areia ou como organiza as panelinhas, os pratos, as colheres na brincadeira de casinha. Entendo por desenho o traço no papel ou em qualquer superfície, mas

também a maneira como a criança concebe o seu espaço de jogo com os materiais que dispõe. Observando a brincadeira livre das crianças pode-se notar diferenças individuais na maneira de dispor seus brinquedos no espaço. Na maneira de desenhar o seu espaço

No desenho a criança atribui sentidos e regras em que apenas está inserido a sua forma de ver o mundo. Se desenharem algo que quando gostem, procuram sempre fazer as mesmas coisas nas mesmas ordens, no mesmo lugar, com delicadeza e cuidado, sentindo prazer pelo que faz. Ao frequentar a escola, os professores da sala de aula distribuem papéis, tintas e/ou lápis de cor, deixando-os livres para as crianças confeccionarem as suas criações, sendo um momento importante para as crianças, pois realizarão suas atividades de forma individual e que sua forma de expressão poderá ser demonstrada num papel em branco.

3.1 O desenho como recurso pedagógico

As escolas, conforme suas práticas pedagógicas, utilizam como um dos recursos metodológicos e didáticos os saberes do componente curricular de arte, em que podem ser trabalhados os desenhos, as pinturas, os filmes, o teatro, o museu, o cinema, entre outros aspectos que encaixa-se na disciplina. Mas, quando se referem à Educação Básica a abordagem mais utilizada é o desenho.

Dentre as características voltada para o uso do desenho, pode-se permitir que o sujeito desenvolva a coordenação motora, o raciocínio lógico, a concentração e a interpretação. É necessário considerar que a criança tem uma lógica própria, pois acaba reproduzindo o que não consegue falar, e o seu momento de expressão é por meio dos seus desenhos, que muitas vezes não são reconhecidos pelos docentes e acabam pedindo para refazer o trabalho, desqualificando os desenhos, deixando a criança triste. Nesse sentido, Iavelberg (2008, p. 67) explica que:

A falta de orientação didática adequada é que gera o bloqueio e não a influência da estética adulta, como se acreditava na escola renovada. Muitos alunos nesse momento afirmam que não sabem desenhar, os professores costumam acreditar que estão bloqueados por insegurança ou submissão a padrões adultos. Mas o aluno está querendo nos dizer: eu não sei desenhar e gostaria que alguém me ensinasse. Resta saber se sabemos orientá-lo nessa tarefa.

Desta forma, a estética pelo desenho perfeito faz com que sejam criadas barreiras e não permita que a criança faça o que ela considera ser desenho, por ser denominado de feio pelos colegas e/ou professor. A criatividade deve ser colocada em primeiro lugar, estabelecendo boas relações no ambiente escolar. Valorizar o desenho é passar confiança à criança, tornando-a

autônoma e sem medo. O estímulo pode vir de várias maneiras para a criança como explica Chateau (1908, p. 100):

[...] a criança desenha círculos pelos próprios círculos, porque gosta dessa forma regular; desenha bonecos para provar para si mesma a sua habilidade. Os fins aparentes são quase sempre os únicos reais.

Diante disto, os desenhos que as crianças fazem são considerados aleatórios para os adultos, por não haver sentido ou significado para ele. Enquanto para as crianças é o momento de inspiração e cada traço feito no papel é importante e esperam que sejam respeitados. O olhar, a palavra ou gesto que sejam feitos referente ao desenho desestimula o aluno na progressão da aprendizagem, pois desenhar também é conhecimento e habilidade.

O desenho tem relação com a escrita, ele a antecede, pois quando a criança pega no lápis para desenhar aquele traço já pode ser idealizado como a escrita da criança, por auxiliar no processo de alfabetização. Assim, Duarte (2011, p.28) explica que

O desenho pode ser considerado a escrita primitiva da criança na primeira infância. Entre os dois e os quatro anos de idade, nós a encontramos aprendendo a falar e aprendendo a desenhar. Palavra e desenho são equivalentes simbólicos. O desenho é a primeira maneira de "escrever" a palavra que nomeia o objeto.

Antes que a criança seja alfabetizada ou letrada, a sua escrita é realizada pelo desenho, pois ao escrever, o sujeito está fazendo uso da sua coordenação motora, sendo considerada relevante suas criações. O docente deverá enxergar e valorizar as produções dos seus estudantes.

Existem inúmeras maneiras de aprendizagem, há crianças que gostam de desenhar ouvindo música, assistindo televisão, na cozinha ou até mesmo ao ar livre, pois cada espaço é considerado importante para a realização da sua obra, e o modo que uma pessoa aprende algo é divergente da outra, precisando de inspiração para se auto motivar, expressar seus ideais.

Entre os muitos instrumentos, acredita-se que o desenho tenha uma função importante para exploração da mente quando a criança coloca na figuração seus sentimentos, suas vontades e elementos de sua cultura (IAVELBERG, 2006). Na escola tem-se o desenho como um instrumento pedagógico, que auxilia no desenvolvimento da criança. Ao pegar no lápis para desenhar ela fará o que mais lhe chamou a atenção ou o que mais gostam, como a família, os amigos, a comida favorita, entre outras possibilidades que possam surgir, sendo um momento particular do estudante, em relação a vontade de criação e recriação baseado com sua realidade do dia a dia.

Conforme explica Ferreira (1998, p.47) “o desenho é um produto da atividade humana que passa por várias transformações - desde o rabisco, o traçado, até figuras mais elaboradas - pode adquirir o caráter de instrumento simbólico”. Com isto, o desenho terá a influência do meio social, sendo um das atividades das funções psicológicas superiores, orientando o raciocínio da criança.

O desenho, ao ser visto pelo professor como forma de conhecer o aluno nos seus avanços e nas suas dificuldades, é usado como um meio de ter conhecimento de como se desenvolve o processo gráfico, e é algo muito importante para observar a trajetória de uma pessoa (BINFARÉ, 2009).

O professor ao entender que os desenhos são realizados em razão do desenvolvimento cognitivo da infância, pode levar a criança a desempenhar sua arte, procurando expandir sua habilidade e inteligência, estimular o que a criança mais gosta de fazer e dá-lhes motivos para continuar fazendo o que sente prazer.

A criança quando ver a escola como um ambiente em que pode demonstrar seus sentimentos, passa a enfrentar suas dificuldades e começa a expandir-se, com isso a “língua de imagens o que de nenhuma outra forma pode ser levado até a consciência” (SMOLKA, 2009, p. 117).

O desenho como instrumento metodológico e didático para os professores em sala de aula, é considerado como uma prática pedagógica e

(...) faz com que a criança se expresse criativamente é a liberdade física e mental. Por esse motivo, é muito importante que o conteúdo seja acessível e significativo, que seja proposto de forma que a criança expresse seus pensamentos livremente, da autonomia necessária para criar (NOVAES; NEVES, 2004, p. 108-109).

Diante disto, o professor pode deixar as crianças livres para elaborar seus desenhos, aprender a produzir sua própria arte sozinhas, podendo dar voz e vez aos seus estudantes, sem que cheguem nas escolas com os trabalhos impressos e as crianças só conheçam a pintura quando relacionem à disciplina de arte, e ao pegar a folha em branco faz com que a criança consiga pensar e idealizar o que lhe vem no pensamento naquele espaço, podendo criar e recriar quantas vezes sentir necessário, por ser um momento único e singular.

A criança, ao desenhar algo que seja relacionado ao seu dia a dia, ficará atenta a tudo que tem ao seu redor, como as cores, a distribuição de espaço, as árvores, etc. A criança já consegue fazer idealização sobre o que ela ver no seu meio social, já possui noção de espaço diante daquilo que consegue ver, possuindo noções que são amadurecidas devido a sua idade. Assim,

(...) insere-se na lógica de um exercício de raciocínio para a realização de uma síntese espacial. É o rearranjo do conhecimento no tocante a identificação dos principais elementos da paisagem para caracterizá-la como sendo A e B (LEITE; BARBATO, p. 248).

Embora se reconheça a importância do desenho, este pode, na escola, ser empregado de duas maneiras que não auxiliam a aprendizagem significativa. De um lado como passatempo para manter os alunos calmos, do outro como desenho para ser copiado, aprendido e treinado, embora a reprodução do desenho também faça parte da aprendizagem da criança.

O desenho promove o desenvolvimento do raciocínio lógico, da coordenação motora e outras habilidades afins, não deveria ser visto como um mero passatempo. Ao desenhar a criança está aprendendo cada vez mais, aperfeiçoando sua arte. A linguagem visual requer interpretação e a criança deve ser capaz de entender que os desenhos também são vistos como uma linguagem que é entendida e compreendida.

4.2 Desenho e afetividade

Não somente no ambiente escolar, mas em acompanhamentos com os psicólogos as crianças fazem os desenhos com o intuito de conseguir manifestar suas emoções, desejos, frustrações, raiva e outros sentimentos que possa expressar. Luquet (1979, p. 213) afirma que “a atividade da criança permite penetrar na sua psicologia” e o desenho está envolvido com tudo que a criança consegue visualizar no seu meio social. A folha de papel é um espaço de expressão de sentimento daquilo que a criança pode mostrar, referindo-se naquele momento, podendo sentir o eu nas suas atividades.

A criança pequena ainda não possui totalmente uma organização da fala e, portanto não conseguem expressar-se verbalmente, então demonstram seus sentimentos através do desenho, como o amor pela mãe que a protege e pela família. Mas outros tipos de sentimentos podem surgir e serem expressados, como a falta de afetos pelo amigo, mas não limita-se apenas ao gostar e o não gostar, envolve também a ira, o rancor, o ódio, a inveja, que são sentimentos que vez ou outra a criança consegue transferir para o papel ao desenhar.

Na sala de aula, em especial no componente curricular de Artes, o momento de expressão de sentimento da criança é demonstrado na representação da sua pintura, bem como a sua euforia. Greig (2004, p. 141) explica que:

Quando a criança se instala com sua folha de papel contra a parede, ela encontra um espaço que se torna um prolongamento de seu “eu”, no interior do qual ela pode tudo.

Essa superfície branca, tela ou espelho, permite que, sozinha consigo mesma, viva um momento fora do tempo e do espaço reais, rico de sensações e de necessidade pessoais que Stern descreveu como “o diário íntimo de seu psiquismo”, comparando ao mundo do sonho.

Na folha de papel a criança expõe suas ideias e pensamentos. Dessa forma, o desenho requer uma interpretação sobre o que estava pensando ao desenhar e o porque desenhou, os traços, a pintura e o tamanho, todos estão associados aos sentimentos. No papel a criança expõe tudo o que está acontecendo ao seu redor, seja coisas positivas ou negativas.

Ao fazer os desenhos na sala de aula nota-se a qualidade e empenho que a criança fez ao realizar, pois ela atribui afeto, e isso faz com que o docente perceba quais os laços afetivos existem na sua turma ao analisar os desenhos de seus alunos, e isto pode interferir na sua aprendizagem.

Quanto mais se amplia a realidade externa da criança mais ela tem necessidade de organização interna, ágil e coerente, a fim de arquivar suas experiências e utilizá-las de modo adequado no momento presente. A recíproca é necessariamente verdadeira. Quanto mais se amplia a realidade interna de uma criança mais ela precisa ampliar e organizar sua realidade externa, pois é como se as estruturas mentais tivessem fome; ao serem criadas elas passam a solicitar a ação ao sujeito para se alimentarem, manterem vivas e atuantes (OLIVEIRA, 2009, p.24).

Ao analisar o sujeito criança, desde cedo, ela é protegida pela mãe, por serem pequenas, precisam de ajuda, pois, ainda não são capazes de realizar seus anseios sem a orientação de outra pessoa.

Após o nascimento passam a conviverem em outros ambientes, tudo é considerado novo e essencial para a sua aprendizagem, observam as cores, as paisagens, novas pessoas, outras vozes e o comportamento é importante, pois, aprendemos quando visualizamos ao nosso redor, e isso é o que acontece no processo de conhecimento, vemos e depois aprendemos, isto se abstém no ser humano, com a criança não será diferente, e contextualizando com a escola o professor tende a chamar atenção dos seus estudantes, para que se sintam estimulados a aprender e criar.

4 A MANIFESTAÇÃO DA AFETIVIDADE EXPRESSA EM DESENHOS NO AMBIENTE ESCOLAR

A criança passa a usar o desenho como atividade lúdica no espaço escolar, o qual possibilita expressar o seu sentimento ou inquietação. Por meio do papel e do lápis de cor, a criança não sente medo ao demonstrar o que pensa, o que sente e o que quer. É um momento exclusivo e único do seu ser.

Perondi (2001, p.175) considera que “os desenhos podem ser inspirados por circunstâncias não previsíveis, porém, frequentemente, eles se relacionam por acontecimentos próximos ou por circunstâncias similares às experiências já vividas.” A criança é capaz de pensar e ser entendida como um sujeito de direito e opiniões.

Em razão de a escola ser o espaço no qual permite que as crianças se relacionem e obtenham contato umas com as outras, faz com que possam surgir sentimentos diversos, como o carinho ou raiva pelo colega, sentimentos que as crianças sentem em determinados momentos. Ao pedi para que as crianças criem e recriem no seu mundo infantil os objetos que veem, elas dão significados e nota-se a autoconfiança nelas mesmas.

A passagem da atividade motora para a simbolização ocorre quando a criança, pela primeira vez, produz uma forma que ela interpreta como semelhante a algum objeto do seu meio (na maioria dos casos, a primeira forma simbólica é a figura humana). À medida que tais marcas se tornam simbólicas, a criança começa a construir círculos, retângulos, triângulos, etc. e a combiná-los em padrões mais complexos, estabelecendo um vocabulário de linhas e formas que são as bases da construção da linguagem gráfica. A partir de então, a criança cria esquemas, padrões fixos, para objetos e constrói estratégias gráficas para explorar as possibilidades espaciais oferecidas pelo papel. Entre 5 e 7 anos, as crianças desenhavam com notável expressividade, organização e prazer. Há uma necessidade afetiva de expressar-se num domínio simbólico, buscando entender o mundo e elaborar sentimentos em relação a temas que lhe são caros (PILLAR, 1996, p. 52).

A construção do desenho dar sentido e significado ao que está sendo produzido, sendo desenvolvido enquanto arte. Ao desenhar, a criança demonstra a suas emoções e as transmite ao papel, possibilitando a construção do mundo que ela vivencia.

As relações sociais no eixo da educação básica, se manifestam devido à criança está em contato como o outro. O envolvimento com os colegas influi no comportamento, na vontade de ir à escola, de fazer as atividades em grupos, faz com que possa empenhar-se cada vez mais, em prol de um bom rendimento escolar. Nesse estudo fizemos a escolha por trabalhar com crianças do ensino fundamental com a intenção de perceber a manifestação da afetividade por meio dos desenhos dos estudantes.

4.1 Metodologia da pesquisa

A pesquisa realizada é de caráter qualitativo. Nesse tipo de estudo todos os fatos e fenômenos são significativos e relevantes, e são trabalhados através das principais técnicas: entrevistas, observações, análise de conteúdos, estudo de caso e estudos etnográficos (MARFTINELLI, 1999). Para Minayo (1994, p. 21):

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Além disso, esse estudo se configura como um estudo de caso. Para Gil (2010, p. 37), o estudo de caso “consiste em um estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento, tarefa praticamente impossível mediante outros delineamentos já considerados”. Fazendo observações profundas mediante a pesquisa.

Para atender aos objetivos da pesquisa, optamos por realizar uma pesquisa participante. Para Severino (2007, p.120) “a pesquisa participante é aquela em que o pesquisador, para realizar a observação dos fenômenos, compartilha a vivência dos sujeitos pesquisados, participando de forma sistemática e permanente, ao longo do tempo da pesquisa, das suas atividades”. E complementa com, “as manifestações dos sujeitos e as situações vividas, vai registrando descritivamente todos os elementos observados bem como as análises e considerações que fizer ao longo dessa participação”. Neste sentido, o pesquisador observa e interage com os seus sujeitos, passando a conviver e partilhar os momentos. Na sala de aula, as crianças conversavam durante a pesquisa, explicando suas angústias e as felicidades ao desenharem.

Utilizamos como instrumento de coletas de dados o diário de campo. Para Meihy (2005, p. 187):

O caderno de campo deve funcionar como um diário íntimo no qual são registrados inclusive os problemas de aceitação das ideias dos entrevistados, bem como toda e qualquer reflexão teórica decorrente de debates sobre aspectos do assunto.[...] O caderno de campo deve ser íntimo e o acesso a ele exclusivo de quem dirige as entrevistas.

Esse instrumento foi escolhido por permitir a análise *in loco* dos possíveis dados a serem pesquisados em relação às finalidades preestabelecidas, os quais permitissem a pesquisadora a compreensão da realidade observada.

A pesquisa foi realizada no mês de maio de 2019, numa escola pública do município de Água Branca-Alagoas, em uma turma do 5º ano do Ensino Fundamental, com crianças cuja idade varia de 10 a 14 anos. Foram feitas observações no ambiente escolar, em especial na sala de aula e será destacado a manifestação da afetividade entre as crianças.

Os materiais utilizados para a coleta de dados foram: Uma folha A4 e lápis de cor. Foi solicitado às crianças que fizessem três desenhos que correspondessem as perguntas. Primeira: *quem você mais gostam dentro de casa?*² A referida pergunta lançada tem por objetivo deixar os alunos mais confortáveis ao desenharem, visto que estava sendo desenvolvido uma atividade afetiva e ao desenhar, seria expresso todo o seu sentimento no papel. Posteriormente a segunda pergunta feita aos alunos foi, *quem você mais gostam na sala de aula?* E a última, *quem você menos gosta na sala de aula?* As crianças desenharam no papel que lhe foi entregue, sendo correspondente com a pergunta que foi lançada, conforme as crianças foram desenhando, a pesquisadora foi relatando no diário de campo o comportamento dos alunos.

No dia da atividade 23 crianças estavam presentes e confirmaram participar da atividade³. Apenas uma criança se recusou a participar, alegando ser uma atividade para crianças. Vale ressaltar que este aluno tem 14 anos de idade. Sendo assim, ao todo recolhemos 66 desenhos.

5.2 O campo da pesquisa: conhecendo a escola

A instituição de ensino escolhida para o desenvolvimento da pesquisa foi uma escola de educação básica do município de Água Branca-AL, que atende as modalidades de ensino da Educação Infantil (Pré I e II) e anos iniciais do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano). Esta instituição foi fundada no governo da Prefeita América Fernandes Torres (1966-1970), o funcionamento da escola iniciou-se no ano de 1969, para mais, o nome da escola tem sua origem fundada em uma homenagem feita a primeira prefeita mulher da cidade.

A escola funciona nos turnos matutino e vespertino. No turno da manhã os alunos entram para sala de aula às 07:30h e são liberados às 11:40h e a tarde o horário de entrada é às

2 Nesse estudo, os desenhos correspondentes a quem eles mais gostam dentro de casa foram descartados, pois o propósito do estudo era analisar a afetividade entre alunos e não com relação a membros da família.

3 Teve um termo de consentimento no qual os pais liberam a participação de seus filhos para desenvolvimento da atividade.

13:00h até às 17:20h. Sua estrutura é composta por nove salas de aula climatizadas, sendo uma delas sala de recursos multifuncionais para Atendimento Educacional Especializado (AEE). Possui uma cozinha, uma diretoria, uma sala de professores, dois almoxarifados, um depósito de merenda, um banheiro para professores, quatro banheiros para as crianças, sendo, dois no térreo (feminino e masculino) e dois no primeiro andar (feminino e masculino), um pequeno pátio descoberto e um cantinho da leitura.

De modo geral, a escola conta com um espaço organizado, tem uma boa estrutura e higiene adequada, conta com rede de esgoto, rua pavimentada, coleta de lixo e água encanada. No entanto, a área destinada para o lazer das crianças é muito pequena, além de possuir uma escada que dá acesso ao primeiro andar e uma rampa na entrada, tornando-se assim um ambiente arriscado para as crianças pequenas por possuir degraus com bicos afiados e o chão ser liso, embora torne-se acessível para os cadeirantes em geral.

No turno matutino a escola atende um total de 187 (cento e oitenta e sete) alunos, sendo divididos da seguinte forma: 18 alunos na turma de Pré I, 21 na turma do Pré II, 24 na turma de 1º ano, 22 na turma do 2º ano, 29 na turma do 3º ano, 30 na turma do 4º ano, 23 na turma do 5º ano “A” e 20 alunos na turma do 5º ano “B”. Já o turno vespertino, soma um total de 152 (cento e cinquenta e dois) alunos, sendo divididos em: 16 na turma de Pré I, 23 na turma do Pré II, 24 na turma de 1º ano, 21 na turma do 2º ano, 22 na turma do 3º ano, 22 na turma do 4º ano e 24 alunos na turma do 5º ano “C”. 32 alunos são atendidos pelo AEE. Temos assim um total de 349 (trezentos e quarenta e nove) alunos.

A comunidade escolar possui condições sócio-econômica variáveis dos alunos, são crianças de classe média baixa e de classe média, são filhos de agricultores, funcionários do município e donas de casa. No que diz respeito ao funcionamento da escola, ela depende dos recursos do PDDE e da rede mantedora, que é a Secretaria Municipal de Educação (SEMED). Os principais problemas identificados é a falta de espaço para as crianças brincarem, como também, não ter um auditório para a realização de reuniões e outros eventos que levem as crianças conhecer novas culturas para progressão do seu conhecimento.

5.3 Conhecendo a turma

A turma do 5º ano do Ensino Fundamental possui 23 alunos, sendo eles 7 meninas e 16 meninos e uma professora, sem auxiliar na sala. As impressões que se seguirá são resultados das observações e anotações do diário de campo.

Quanta a estrutura física da sala de aula, esta possui dois ventiladores, mas apenas um funciona e as carteiras são correspondentes a quantidade de alunos que frequentam a escola, ou seja, exclusivo para as 23 crianças, um birô e uma carteira para a professora, enquanto pesquisadora ficava em cadeiras de plásticos que possuíam uma boa quantidade no pátio da escola, já que essa pesquisa deu-se a partir do estágio, sendo 4h de observação.

A aula costumava iniciar por volta das 07:40h⁴. A rotina da professora era olhar o caderno das crianças para identificar quem fez as atividades anteriores, na sequência organizava as carteiras da sala de aula. Vale ressaltar que esta turma tinha um aluno de 14 anos que normalmente apresentava mal comportamento, fazendo bagunça na sala, e isso fazia com que as outras crianças começassem a conversar com os colegas. As vezes ocorria no espaço escolar casos dos alunos jogarem papéis uns nos outros de forma violenta, apresentando grau de agressividade com o próximo. Na maioria das vezes não respeitavam a professora faltando respeito com a mesma.

De modo geral, o comportamento das crianças na sala de aula deixa a desejar pelo excesso de conversas e brincadeiras, logo as consequências são o mau rendimento daqueles alunos, por não alcançar o objetivo desejado, que é a compreensão dos assuntos que é passado, e acaba atrapalhando os demais colegas que sentem desejos em aprenderem.

Diante da perspectiva da aprendizagem na sala de aula, o ritmo para aprender varia. Desde situações em que a criança sabe ler mais não desenvolve a escrita, e as que não conseguem escrever letras maiúscula no caderno e reconhecem apenas os códigos. São pequenas dificuldades em que as crianças possuem e que foram percebidas por meio da observação diante das atividades que a professora passava e as crianças se mostravam aflitas por não conseguirem alcançar o objetivo estabelecido.

Os alunos gostavam de escrever em seus cadernos as respostas ditadas pela professora, quando acertavam passam as respostas para o quadro. Gostavam de ler e interpretar os textos que a docente costumava levar para a sala de aula, chamada de leitura deleite⁵, então sempre ficavam atentos por saber que a professora faria novas perguntas após a leitura.

Os alunos têm boa convivência, brincavam durante o intervalo mas ao realizar trabalhos em grupos excluía os colegas ou faziam com que outros sofram bullying devido ao seu jeito de ser ou por possui condições financeiras divergentes dos seus colegas, optando por não fazer

4 O horário para iniciação da aula é às 07:30h.

5 A leitura deleite consiste no ato de realizar leituras antes da iniciação da aula para estimular o desenvolvimento cognitivo da criança.

atividades, trabalhos, peças teatrais e demais outros conteúdos que são remanejados pela professora, dificultava a realização dos trabalhos.

5.4 Análise dos dados

A escola viabiliza que os alunos consigam demonstrar suas emoções a partir do contato com o outro, suas alegrias, tristezas, iras, desejos e demais sentimentos. Devido a isso, o desenho faz com as crianças sintam-se à vontade para expressar-se por meio do lápis no papel.

Contamos com um total de 66 desenhos. 22 desenhos foram descartados por estarem relacionados a membros da família, como foi explicado anteriormente. Entre os 44 desenhos foram selecionados 32 para análise, pois estes desenhos apresentavam contrastes entre as pessoas que os alunos afirmaram gostar mais e de quem eles menos gostavam. As crianças receberam nomes fictícios para preservar sua identidade.

A partir de agora iremos apresentar os desenhos. Começemos então pelos desenhos de Marcos e Álvaro.

Marcos

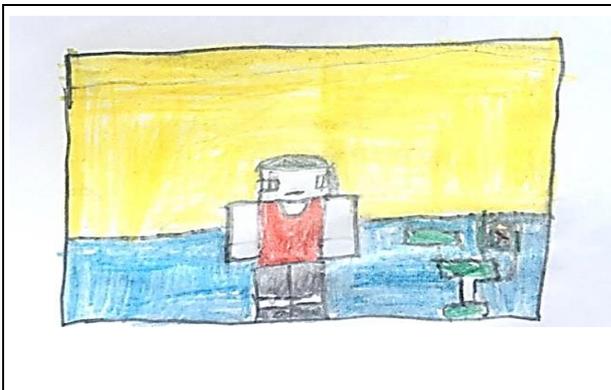


Figura 1: Desenho da pessoa que gosta na turma

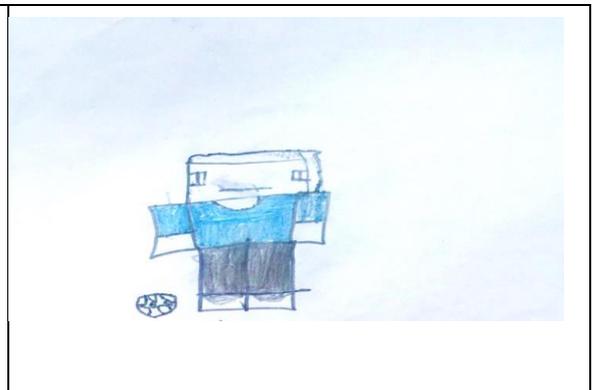


Figura 2: Desenho da pessoa que não gosta na turma

Álvaro



Figura 3: Desenho da pessoa que gosta na turma

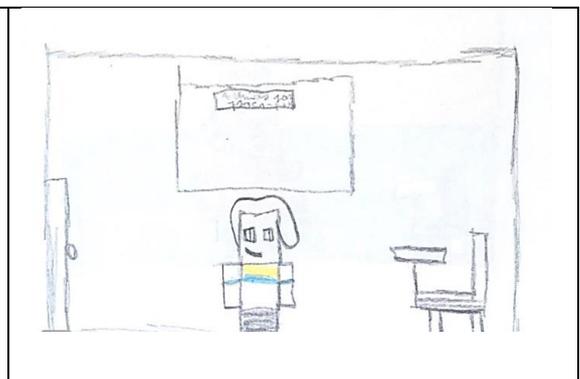


Figura 4: Desenho da pessoa que não gosta na turma

Ao analisar o desenho de Marcos, na figura 1 percebe-se que ele atentou para as cores da roupa que o colega estava utilizando no dia, bem como a cor da parede e a carteira da escola, fazendo o uso de cores vibrantes para que o colega que ele desenhou ficasse de forma destacado. Ao observar a figura 2, vemos que o aluno apenas utilizou duas cores, que foram o azul e o preto, não utilizando outras cores, como usou para expressar o primeiro desenho.

Álvaro, assim como seu colega Marcos, foi atento aos detalhes, notou a parede, a cadeira, a porta, a bolsa e a roupa, prestando bastante atenção no colega de sala de aula, usando cores fortes para deixar o desenho mais chamativo. O segundo desenho demonstra o mesmo cenário escolar, mas não usando cores variadas como no desenho anterior.

Ao perceber as figuras 1, 2, 3 e 4, as crianças evidenciam a afetividade com o impulsionamento das cores, desenhando quem eles gostam mais coloridos e forte e quem não gosta usando apenas poucas cores, sem demonstração de afetividade pelo outro. Quando a criança possui laços afetivos buscam empenha-se cada vez mais nas suas atividades. Oliveira, (1992, p. 76) explica que “os processos pelos quais o afeto e o intelecto se desenvolvem estão inteiramente enraizados em suas inter-relações e influências mútuas”. O meio social da criança interfere nas atitudes com o outro.

Vejamos agora os desenhos de Ana e Carlos

Ana



Figura 5: Desenho da pessoa que gosta na turma



Figura 6: Desenho da pessoa que não gosta na turma

Carlos

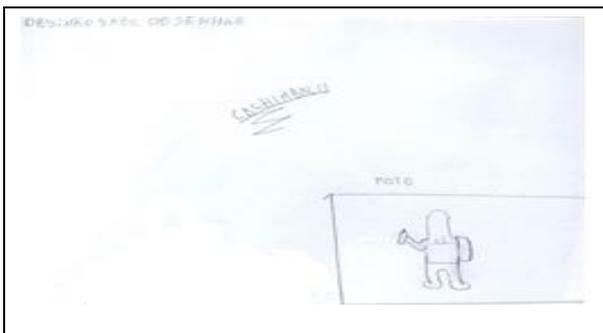


Figura 7: Desenho da pessoa que gosta na turma



Figura 8: Desenho da pessoa que não gosta na turma

Ana é uma criança que gosta de expressar seus sentimentos e afinidade, nota-se isto devido ao seu desenho no qual ela representou a colega na figura 5, colocando bastante corações, o cabelo e um semblante feliz, por mais que só tenha usado o lápis grafite transferiu o carinho que possui pela colega. Já na figura 6 não usa nenhum sinal de afinidade ou demonstração de carinho pelo colega apenas uma representação simples e com algumas marcas de borrão.

Carlos ao desenhar a colega, na figura 7, colocou uma frase em cima “*OBS: Não sabe desenhar*”, para explicar que não sabe desenhar, ou seja, demonstra preocupação por não saber desenhar e medo da pessoa não gostar do que ele fez. Ele desenhou a amiga escrevendo no quadro de costas, cabelo médio, aparentemente de calça e blusa, Carlos fez questão de explicar o desenho dele para que a colega não se sentisse magoada, uma vez que ele afirmou não saber desenhar. Para Sarnoski (2014, p. 08) “a afetividade quando demonstrada em sala de aula, resulta em experiências positivas, trazendo benefícios na aprendizagem do aluno”, a influência da boa convivência traz bons resultados como companheirismo e afeto pelo próximo.

O segundo desenho representado na figura 8, é a identificação da pessoa da qual Carlos não possui afinidade, a figura com representação do nariz de porco, olhos vesgos, cabelos ondulados e boca, semelhante a um animal. O desenho de Carlos revela preocupação, o ideal é perceber como está ocorrendo as manifestações afetivas por parte dos colegas na sala de aula e como isso influencia o seu meio. Sarnoski (2014, p.04) explica que,

[...] O importante do ponto de vista afetivo é reconhecer e respeitar as diferenças que despontam como chamar pelo nome, mostrar que a criança está sendo vista, propor atividades que mostrem essas diferenças, dar oportunidades para que as crianças se expressem.

Isso faz com que os alunos comecem a interagir-se socialmente a ponto de se sentirem seguros ao demonstrar seu sentimento, sendo algo particular de cada sujeito.

Passamos agora para análise dos desenhos de Guilherme e Camila.

Guilherme



Figura 9: Desenho da pessoa que gosta na turma



Figura 10: Desenho da pessoa que não gosta na turma

Camila

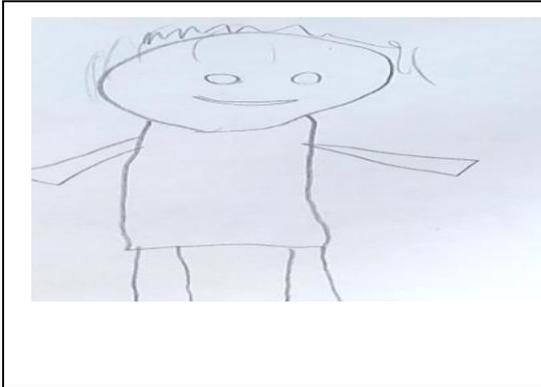


Figura 11: Desenho da pessoa que gosta na turma



Figura 12: Desenho da pessoa que não gosta na turma

Guilherme usa do espaço da folha para desenhar sua colega, mas o faz de forma pequena para representar o tamanho da amiga, usa coração na blusa e um sorriso no rosto, cabelo solto e liso, isso na figura 9. Na figura 10, desenhou um olho maior que o outro, cabelos espetados, o corpo fez em linhas retas, um semblante assustador para representar o colega que não gosta.

Já Camila, ao desenhar a sua amiga na figura 11, a desenhou com os cabelos assanhados, com olhos, boca, braços e os pés, não coloca orelhas nem sobrancelha. A figura 12 demonstra fúria ao desenhar o colega, com os cabelos assanhados, os olhos em forma de círculo, boca com os dentes para fora, apontando toda a sua raiva ao representar o colega, e relata que “*nunca gostei dele, muito chato, por mim nem estudaria mais nessa escola*”. As expressões dos desenhos fazem com que possibilite uma reflexão acerca dos colegas de classe que não possuem vínculos afetivos, para isso, deve-se atentar ao comportamento da crianças. Para Mello (2006, p. 199), no contexto escolar se a relação é positiva

[...] possibilita uma vivência agradável entendida como um convite à ampliação da relação com o mundo de pessoas e objetos ao redor. Sendo negativa, inibe a iniciativa da criança. Em lugar de abrir-se para o mundo que se descortina frente a ela, a criança se fecha.

Ao perceber o comportamento contínuo das crianças na sala de aula, nota-se o desprazer de ir à escola devido aos sentimentos que os deixam frustrados.

Agora vamos analisar os desenhos de Felipe e José

Felipe



Figura 13: Desenho da pessoa que gosta na turma



Figura 14: Desenho da pessoa que não gosta na turma

José



Figura 15: Desenho da pessoa que gosta na turma



Figura 16: Desenho da pessoa que não gosta na turma

A figura 13, desenho realizado por Felipe é a representação do seu colega expressando o sorriso labial, cabelos, olhos, nariz, a figura possui roupas. O mesmo afirmou que seu amigo é tímido por isso o fez dessa forma. Já no desenho da figura 14, ele faz um outro colega com o rosto espantado, cabelos assanhados e o corpo em traços.

A figura 15, sendo feito pelo estudante José, representa uma pessoa sorridente, cabelo curto, utilizando o lápis grafite para fazer os traços. A representação da figura 16, demonstra aparência de uma criança triste, percebendo pelos olhos e boca, mas pintou o cabelo e os olhos do colega para expressar a tristeza.

Ao desenharem, Felipe e José expõem seu lado afetivo, percebido por meio da atividade. Segundo González Rey (2003, p. 349) “uma experiência ou ação só tem sentido quando é portadora de uma carga emocional”. Tendo como consequência o resultado dos desenhos nos quais as expressões são de sentimento de tristeza ao representarem os colegas que não possuem vínculo afetivo.

Adiante veremos os desenhos de Samuel e Henrique.

Samuel

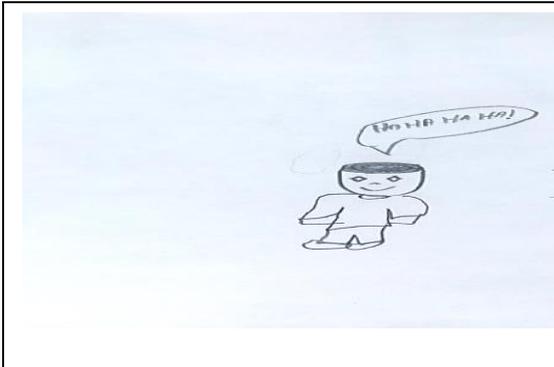


Figura 17: Desenho da pessoa que gosta na turma

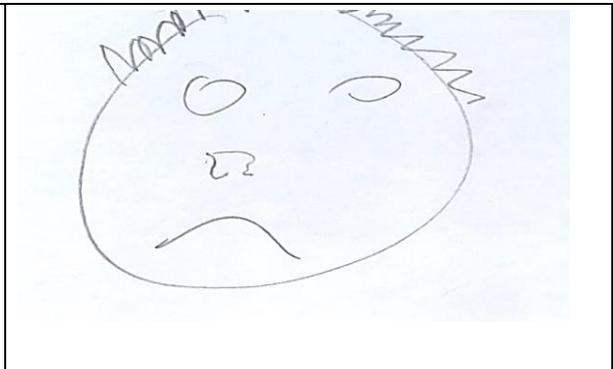


Figura 18: Desenho da pessoa que não gosta na turma

Henrique



Figura 19: Desenho da pessoa que gosta na turma



20: Desenho da pessoa que não gosta na turma

Samuel desenhou seu colega com sorriso no rosto, usou a expressão “hahaha” na figura 17 para representar a risada de um colega, indicando que ele está alegre. Enquanto a figura 18, ele faz uma criança que cheira mal e usa expressões para simbolizar o quanto a colega da sala de aula tem mau cheiro usando outro desenho para representar com a frase “que fedo!”, e ainda descreve o desenho “Ninguém gosta dela, ela só chega na sala fedendo e ainda fica pedindo o lanche dos outros, eu não gosto disso”. Com base nas observações nota-se o quanto os alunos reclamam da colega devido a não ter higiene adequada, a mesma possui dificuldades financeiras, conforme relatos da professora, embora ela tente amenizar a relação entre fazendo trabalhos em grupos.

Henrique faz o desenho do colega na figura 19, piscando um olho, cabelos pintados e sorrindo, características de uma pessoa feliz. Já a representação da figura 20 possui um semblante triste, com olhos e boca indicando tristeza. O mesmo diz que “a colega é bastante triste por não ter amigos e que não é amigo dela por conta do cheiro”. Segundo os relatos é a falta de higiene da aluna que inviabiliza o contato direto com os colegas da sala de aula. Com isso, Pino (2005, p. 128) explica que o estudante “é afetado pelos acontecimentos da vida, ou

melhor, pelo sentido que tais acontecimentos têm para ele". O bloqueio das crianças faz com que se impossibilite o contato físico com a colega.

Continuando a sequência, apresentaremos os desenhos de Beatriz e Carla.

Beatriz



Figura 21: Desenho da pessoa que gosta na turma

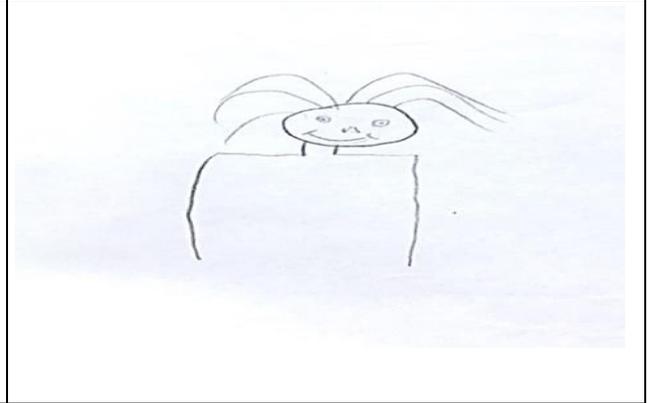


Figura 22: Desenho da pessoa que não gosta na turma

Carla

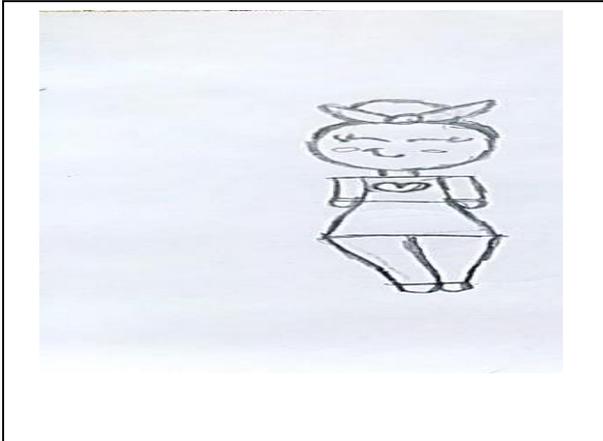


Figura 23: Desenho da pessoa que gosta na turma



Figura 24: Desenho da pessoa que não gosta na turma

Beatriz diz que “*ama desenhar*” e faz um desenho todo aperfeiçoado, cabelo, olhos, sobrancelhas, um vestido, e atenta aos detalhes ao colocar um colar em forma de coração e as sapatinhas, já que desenhou uma pessoa que ela considera muito especial. Já na representação da figura 22, faz com os cabelos assanhados e sem desenhar o corpo, o que mostra pouco investimento.

O desenho de Carla representado na figura 23 está com sorriso no rosto, possui laço na cabeça, roupas e sapatos, mostrou cuidado e depositou afeto ao desenho visto que ela desenhou a melhor amiga. O desenho da figura 24 faz com todas as características, mas o semblante é de uma pessoa triste. Conforme Camila descreveu “*deve ser ruim não ter amigos e viver sozinho*”

na sala”. Nesse sentido, Antunes (2006, p.5) explica que há “um conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob a forma de emoções que provocam sentimentos[...]”. Os desenhos foram construídos e atribuídos com emoção e afeto, realizado pelas crianças

Conseqüentemente, os desenhos de Anne e Luana.

Anne

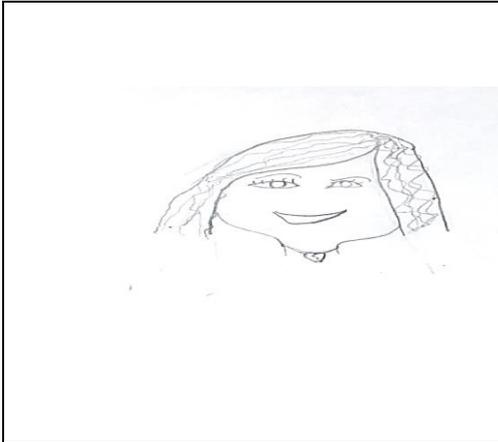


Figura 25: Desenho da pessoa que gosta na turma

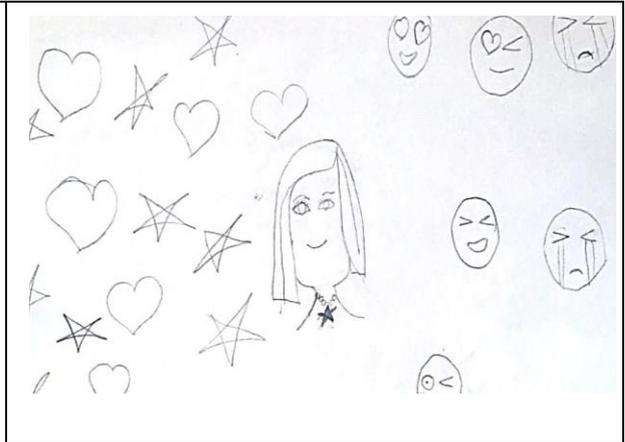


Figura 26: Desenho da pessoa que não gosta na turma

Luana

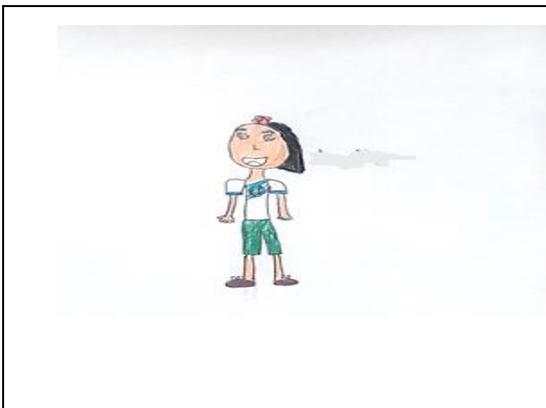


Figura 27: Desenho da pessoa que gosta na

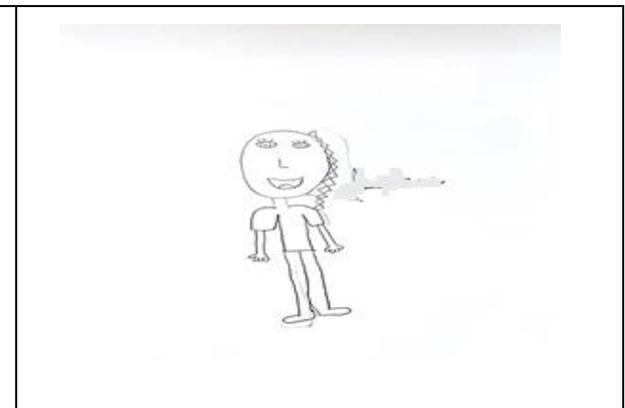


Figura 28: Desenho da pessoa que não gosta na turma

Anne desenha o rosto da amiga na figura 25 com sorriso, olhos, sobrancelhas, colar de coração, cabelos cacheados e curto. Diante da outra figura 26 expressado por vários emojis com caras felizes, tristes, corações e estrelas. Relatou que fez esse desenho de forma “*irônica*” por não gostar da colega da sala de aula.

Já na representação da figura 27, Luana utiliza cores fortes no desenho que ela fez para representar a pessoa que possui afinidade. No segundo desenho, na figura 28, a mesma utilizou o lápis grafite para realizar o seu desenho com uma trança, blusa e calça. E fala “*eu estudei sempre com ela, mas nunca fomos intimas, para sentar perto na sala*”, para Sarnoski (2014, p. 8) “as experiências vividas em sala de aula ocorrem, inicialmente, entre os indivíduos

envolvidos, no plano externo (interpessoal)”. O contato com os colegas em sala de aula faz parte de uma convivência afetiva.

Posteriormente, vejamos os desenhos de Diogo e Maria.

Diogo

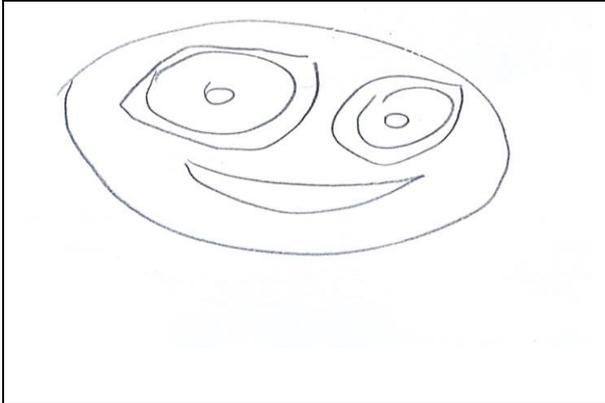


Figura 29: Desenho da pessoa que gosta na turma

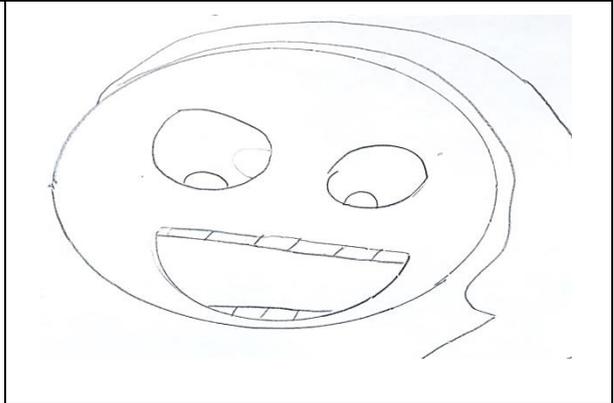
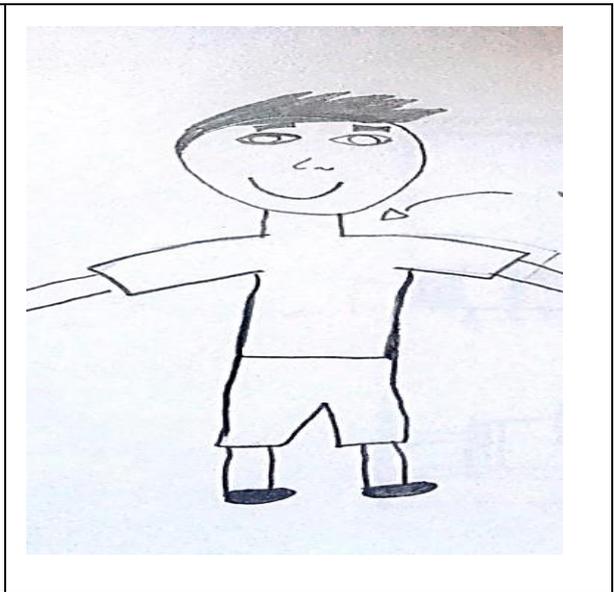


Figura 30: Desenho da pessoa que não gosta na turma

Maria



Figura 31: Desenho da pessoa que gosta na turma



32: Desenho da pessoa que não gosta na turma

Na figura 29, Diogo faz o desenho com os olhos e o sorriso grande, não desenha completo o colega, apenas a cabeça. O segundo desenho, na figura 30, faz o desenho com os cabelos, olhos e a boca aberta, com expressão facial de fúria.

Maria faz o desenho com tranças no cabelo, sobrancelha, olhos com cílios grandes, uma blusa, saia e botas. A figura 32 está sorrindo, colocando as mesmas características que o outro desenho, mas usa a tonalidade preto e o sorriso. Com isso, o desenho possibilita aos educandos a oportunidade de se conhecerem, a ponto de destacar suas afinidades. Diante disto Merçon

(2009, p. 28) afirma que “pensaremos o aprendizado afetivo como uma arte do encontro: um aprender sobre o que diminui nossas forças ou nos potencializa”. Os laços afetivos auxiliam na cognição e na aprendizagem das crianças.

Esses foram os 32 desenhos, que as crianças fizeram e que nos permitiu realizar as análises da relação afetiva por meio da atividade que os alunos se dispuseram a participar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sala de aula é um espaço no qual o professor mediante sua prática pedagógica, auxilia no desenvolvimento das potencialidades das crianças no que diz respeito ao comportamento, atitude, desejo, vontades, tudo que está enraizado no ser afetivo. Para tanto, analisou os desenhos dos alunos, com ênfase nos relacionamentos em sala de aula, para que a partir de suas emoções pudéssemos perceber a manifestação da afetividade neste meio.

Trabalhar afetividade no contexto educacional é um tanto desafiador, uma vez que está trabalhando com crianças de diferentes contextos sociais. Mas a escola junto com todo setor pedagógico busca conciliar a integração das emoções que se fazem presentes na sala de aula. Ao associar afetividade com o desenho ficou evidente que as crianças conseguem esconder suas atitudes quando não gosta de alguns colegas da sala de aula, e a partir do momento em que seu ato de pensar e expressa-se fica nítido no desenho, fez com que se sentissem à vontade para expor suas opiniões em diz respeito aos colegas.

Ao realizar a atividade com as crianças, explicamos para elas o porquê de estar fazendo isso, deixando-o conscientes. A turma foi tranquila e realizaram a atividade no decorrer de 40min. Ao recolher os desenhos pudemos fazer algumas anotações da fala das crianças, como *“não gosto da colega por ela cheirar mal”*, *“muito chata”*, *“não tem o que comer em casa”*, *“parece o cascão com medo de água”*. Sempre se referindo a mesma colega da sala de aula, o qual nos causou preocupação, devido não ter percebido isso antes.

O comportamento dos alunos na sala de aula era de companheirismo, não estava notório o não gostar da amiga, pois sempre estavam brincando e compartilhando lanches, brinquedos, atividades, garrafas e até mesmo sandálias. As crianças demonstravam estar sempre alegres e tinham empatia uns com os outros. Foi por meio do desenho que pudemos observar o quanto não gostavam da “colega”, pela falta de higiene e necessidades financeiras, da qual a criança não tem culpa, deve-se fazer .

A pesquisa possibilitou evidenciar a presença da afetividade no contexto escolar, visto que a manifestação afetiva permite que as crianças passem a frequentar a escola diariamente, ajudando na compreensão referente aos aspectos intelectuais e sociais no que diz respeito ao conhecimento dos alunos.

Os desenhos das crianças, com representação de rostos tristes e outros alegres para demonstração de quem eles mais gostam na sala de aula e quem eles não gostam foi impressionante. Ao realizar as crianças estavam entusiasmadas, mas ao fazer seus colegas no

papel, a uma preocupação devido à forma como eles enxergam um ao outro, com expressão de raiva para quem eles não gostam, e usando rostos alegres para quem eles gostam.

Perante a isto, a relação afetiva na sala de aula relacionando com os desenhos, fez com que estivessem presentes as personalidades e emoções das crianças, o que ajudará nas pesquisas futuras que pretendem dar continuação neste estudo ou de certo modo compreender. Sendo visto que o termo afetividade tem sido objeto de estudo nas escolas, para que possa ajuda professores e os alunos em lidar com suas emoções.

REFERÊNCIA

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ALMEIDA, A. R. S. A concepção walloniana de afetividade. Uma análise a partir das teorias das 8 emoções e do desenvolvimento. 1999, 167 fl. São Paulo: Tese (Doutorado em Educação: Psicologia da Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação: Psicologia da educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1999.

ALMEIDA, Ana Rita Silva. A afetividade no desenvolvimento da criança. Contribuições de Henri Wallon. **Inter-Ação: Rev. Fac. Educ. UFG**, 33 (2): 343-357, jul./dez. 2008.

ALMEIDA, Laurinda Ramalho. Wallon e a educação. In: MAHONEY, Abigail Alvarenga; ALMEIDA, Laurinda Ramalho (orgs). **Henri Wallon: psicologia e educação**. São Paulo: Loyola, 2000. p. 71-86.

AVELBERG, Rosa. **O desenho cultivado da criança: prática e formação de educadores**. 2. ed. rev. Porto Alegre: Zouk, 2008.

BINFARÉ, Carla. **Construção no Desenho Infantil: dos modelos referenciais à problematização dos estereótipos**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009.

BRASIL. Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Dispõe sobre a lei de diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 20 dez. 1996. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm >. Acesso em: 19 jul. 2019.

BOCK, A. M. B. (org). **Psicologia: Uma Introdução ao Estudo de Psicologia**. 13ed. São Paulo: Saraiva, 1999.

CHATEAU, Jean. **O jogo e a criança**. São Paulo: Summus, 1987.

COMENIUS, Jan Amos. **Didática Magna**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

DANTAS, Heloysa. A afetividade e a construção do sujeito na Psicogenética de Wallon. In. LA TAILLE, Yves de (org.). **Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus, 1992. p. 85-97.

DUARTE, M.L.B. **Desenho infantil e seu ensino a crianças cegas: razões e método**. Curitiba: Insight, 2011.

_____. **Do acto ao pensamento**. Lisboa: Moraes Editores, 1978.

_____. Exclusão social e fracasso escolar. Em Aberto, Brasília, v. 17, n. 71, p. 21-32, jan. 2000.

FERREIRA, S. **Imaginação e linguagem no desenho da criança**. Campinas, SP: Papyrus, 1998.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

FREIRE, Paulo. Educação: o sonho possível. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.). **O educador**: vida e morte. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

_____. Educação e mudança. v. 1. 28. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005. (Coleção Educação e Comunicação)

GIL. Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 5. ed. - São Paulo : Atlas, 2010.

GOMES, C. A. V. (2008). O afetivo para a psicologia Histórico-Cultural: considerações sobre o papel da educação escolar. Tese de doutorado, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual Paulista, Marília.

GONZÁLEZ REY, F. L. (2003). **Sujeito e subjetividade**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

GREIG, P. **A criança e seu desenho**: o nascimento da arte e da escrita. Porto Alegre: Artmed, 2004.

IABELBERG, Rosa. **O Desenho cultivado da criança**: prática e formação de educadores. Porto Alegre: Zouk, 2006.

LEITE, Cristina Maria Costa; BARBATO, Silviane. Reflexões sobre a construção de lugar na escola contemporânea. Brasília: **Espaço & Geografia**, Vol.14, nº2, 2011.

LUQUET, G. H. **Arte Infantil**. Lisboa: Companhia Editora do Minho, 1969.

LUQUET, G. H. **O desenho infantil**. Porto: Editora do Minho, 1969.

MAHONEY, A. A.; ALMEIDA, L. R. de. Afetividade e processo ensino-aprendizagem: contribuições de Henri Wallon. **Psicologia da educação**, v. 20, p. 11-30, 2005.

MARTINELLI, Maria Lúcia. **Pesquisa qualitativa**: um instigante desafio. São Paulo: Veras, 1999.

MATTOS, Sandra Maria Nascimento de. O educador oculto: em busca do imaginário pedagógico na prática docente. Dissertação (Mestrado) – UCP. Petrópolis, 2007.

_____. Avaliar: um diálogo da afetividade com a rede de relações desenvolvidas no cotidiano escolar. Revista de Educação PUC-Campinas, Campinas, n. 25, p. 173-181, nov. 2008a.

MATTOS. Sandra Maria Nascimento de. Inclusão/exclusão escolar e afetividade: repensando o fracasso escolar das crianças de classes populares. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n. 44, p. 217-233, abr./jun. 2012. Editora UFPR.

MELLO, S. A. Contribuições de Vigotski para a educação infantil. In: S.G.L. Mendonça & S. Miller (Orgs.) Vigotski e a escola atual: fundamentos teóricos e implicações pedagógicas (pp.193-202). Araraquara: Junqueira & Marin. (2006).

- MERÇON, J. **Aprendizado ético-afetivo: uma leitura spinozana da educação.** Campinas, SP: Editora Alínea, 2009.
- MEIHY, José Carlos Sebe B. **Manual de história oral.** 5 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.
- MINAYO, Maria Cecília. de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria método e criatividade.** 17 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- MONTE-SERRAT, Fernando. **Emoção, afeto e amor: ingredientes do processo educativo.** São Paulo: Academia de Inteligência, 2007.
- MORALES, Pedro. **A relação professor-aluno: o que é e o que faz.** 8ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 2009.
- MOREIRA, Ana Angélica Albano. **O espaço do desenho, a educação do educador.** São Paulo: Loyola, 2002.
- NOVAES, Ema Roseli de; NEVES, Lygia Helena Roussenq. A criança e o desenho infantil: a sensibilidade do educador mediante uma produção artística infantil. **Revista de divulgação técnico-científica do ICPG,** 2004.
- OLIVEIRA, V. B. A brincadeira e o desenho da criança de zero a seis anos: uma avaliação psicopedagógica. In: OLIVEIRA, V. B.; BOSSA, N. A. (Eds.). **Avaliação Psicopedagógica da criança de zero a seis anos.** 18 ed. ed, Petrópolis: Vozes, 2009.
- OLIVEIRA, M.K. O problema da afetividade em Vygotsky. In: LA TAILLE, Yves de, DANTAS, H. H.; OLIVEIRA, M.K. (Orgs.). **Piaget, Vygotsky e Wallon: teorias psicogenéticas em discussão.** São Paulo: Summus, 1992, p. 75-84.
- PATTO, Maria Helena Souza. **Introdução a Psicologia Escolar.** 3 ed. São Paulo: T. A Queiroz, 1997.
- PEIXOTO, Simone. **Pensar o desenho: linguagem, história e prática.** Guarapuava: UNICENTRO. 2013.
- PERONDI, D. **Processo de alfabetização e desenvolvimento do grafismo infantil.** Caxias do Sul: EDUCS, 2001.
- PINO, A. **As marcas do humano: às origens da constituição cultural da criança na perspectiva de Lev S. Vigotski.** São Paulo: Cortez, 2005.
- PIAGET, J. (1994). La relación del afecto com la inteligência en el desarrollo mental del niño. In: DELAHANTY, G.; PERRÉS, J. (Eds.), *Piaget y el psicoanálisis* (p. 181-289). Universidad Autónoma Metropolitana: Xochimilco. (Trabalho original publicado em 1962).
- PILLAR, A. D. **Desenho e escrita como sistemas de representação.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

- PIZZI, Laura Cristina Vieira. **Trabalho docente: tensões e perspectivas**. Maceió: EDUFAL, 2012.
- REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação**. 22 ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.
- SARNOSKI, Eliamara Aparecida. Afetividade no processo ensino- aprendizagem. Vol. 9, n. 20, Julho – Dezembro, 2014, Semestral.
- SERRA, Sheyla Mara Baptista. Breve histórico do desenho técnico. Bacharelado em engenharia ambiental – EaD UAB/UFSCar Expressão Gráfica para Engenharia. Volume 1. 2008. disponível em:
<http://livresaber.sead.ufscar.br:8080/jspui/bitstream/123456789/1391/1/AT1-breve%20historico.pdf>. Acesso 16 de Jul. 2019.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.
- SOARES, Fernanda Vieira. (2010). Subjetividade, história de vida e formação docente: sentidos do ser professor. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza.
- SMOLKA, Ana Luiza. Lev S. **Vigotski: Imaginação e criação na infância, Ensaios comentados**. São Paulo: Ática, 2009.
- SPOZATI, Aldaíza (Coord.). Mapa da exclusão/inclusão social da cidade de São Paulo. São Paulo: EDUC, 1996.
- TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. **O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas**. 13 ed. Petrópolis: Vozes, 2007.
- VASCONCELOS, M.S. O caminho cognitivo do conhecimento. In : WAJNSZTEJN, Alessandra Caturani, et al. **Desenvolvimento cognitivo e aprendizagem escolar**. Curitiba: Melo, 2010. p. 71-84.
- VIGOTSKI, Liev Semionovich. **Psicologia Pedagógica**. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- WALLON, Henri. **As origens do caráter na criança**. São Paulo: Nova Alexandria, 1995.
- WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- WALLON, H. Les origines du caractère chez l'enfant. Les préludes du sentiment de personnalité. Paris: Presses Universitaire de France, 1993.
- _____. Les milieux, les groupes et la psychogenèse de l'enfant. *Enfance*, Paris, (3-4): 287-296, mai-oct., 1959

APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DO SERTÃO
LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____, RG _____
_____ expedido por _____, estou ciente de estar colaborando com a pesquisa “” que ocorrerá conjuntamente com o estágio da licencianda LUCLECIA DA SILVA DOS SANTOS. Estou ciente de que a referida pesquisa tem como objetivo geral é perceber a manifestação da afetividade por meio dos desenhos das crianças.

A participação das crianças na referida pesquisa não envolve custos, como também nenhuma compensação financeira ou de outro tipo pela participação. A pesquisa não envolve riscos ou danos à saúde física, mental ou psicológica dos participantes. Para todos os fins, o espaço educacional será respeitado, assim como a singularidade de cada criança. Em nenhum momento esta pesquisa irá interferir na dinâmica da escola, ou forçar a participação dos alunos nas atividades propostas. Todos os pais serão comunicados a respeito da pesquisa buscando sua. A mim, será garantido que a identidade da escola, dos professores em geral, e das crianças, serão preservadas, e que nada na metodologia irá contra os direitos legais das crianças participantes. A mim será garantido também o direito de, a qualquer momento, interromper a atividade de pesquisa, podendo inclusive determinar que as informações que já tenham sido coletadas sejam colocadas de fora do resto do material da pesquisa. A assinatura deste consentimento não inviabiliza nenhum dos meus direitos legais. Sendo a pesquisa concluída, será garantido a mim que seus resultados finais serão disponibilizados para a escola pela estagiária-pesquisadora em formação.

Caso ainda haja dúvidas, posso tirá-las agora, ou em surgindo alguma dúvida no decorrer do processo, a graduanda executante da pesquisa se colocará ao meu dispor para esclarecê-las. A qualquer momento poderei contactar a executante LUCLECIA DA SILVA DOS SANTOS pelo telefone **(82)998438654**, ou pelo endereço eletrônico lucleciasanttos@gmail.com. Ainda posso procurar a orientadora da pesquisa, Profa. Ma. Noelia Rodrigues dos Santos (SIAPI 2782919), do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão.

Após ter lido e discutido com o requerente os termos contidos neste consentimento esclarecido, concordo em participar desta pesquisa liberando a turma do 5º ano, sala 06, turno matutino, para observação e participação das atividades propostas, colaborando assim para a realização da pesquisa “A DEMONSTRAÇÃO DA AFETIVIDADE NO ESPAÇO ESCOLAR POR MEIO DO DESENHO”. Sei que assinando este consentimento não abrirei mão dos direitos legais das crianças, ficando desde já garantido a confidencialidade e o anonimato de todos os envolvidos.

Delmiro Gouveia, _____ de _____ de 2019

Assinatura da executante da pesquisa

Assinatura do representante da escola